



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

JEFFERSON MENDES DIAS

**A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL MARANHENSE NO CAMPO ESPAÇOS E
HABITAÇÃO: uma análise sociodialetoal do corpus constituído por questões do ALiMA**

SÃO LUÍS-MA
2025

JEFFERSON MENDES DIAS

**A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL MARANHENSE NO CAMPO ESPAÇOS E
HABITAÇÃO: uma análise sociodialetal do corpus constituído por questões do ALiMA**

Monografia apresentada como requisito do componente curricular DLER0689 – Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Letras - Espanhol da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e suas respectivas literaturas.

Orientador(a): Prof. Georgiana Márcia Oliveira Santos

SÃO LUÍS-MA
2025

JEFFERSON MENDES DIAS

**A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL MARANHENSE NO CAMPO ESPAÇOS E
HABITAÇÃO: uma análise sociodialetal do corpus constituído por questões do ALiMA**

Monografia apresentada como requisito do componente curricular DLER0689 – Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Letras - Espanhol da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e suas respectivas literaturas.

Monografia apresentada em: 14/03/2025

Nota: 9,6 (nove inteiros e seis décimos)

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos
Universidade Federal do Maranhão
Orientadora

Prof. Me. Israel Ferreira Santos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA/Campus Viana
Examinador

Profa. Ma. Ayla Cristina Lopes Moura
Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno/Tamancão
Examinadora

À minha família, que lutou comigo para que este momento acontecesse, mesmo quando eu mesmo já não acreditava...

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, em primeiro lugar, agradeço a pessoa que sempre me incentivou nos estudos e que apoiou todas as minhas escolhas: à minha mãe, a ela dedico este trabalho, agradecendo-lhe por ter esperado comigo este momento, pela ajuda em todos os sentidos, pelo afeto e o colo, pelo interesse nos meus estudos. Obrigado por ser meu abrigo e por todo seu cuidado.

A Benjamim e Ryan, meus dois sobrinhos, que em tão pouco tempo despertaram o que há de mais bonito em mim e me deram forças para seguir em frente.

Aos meus irmãos, em ordem alfabética, Marciel, Maria da Conceição, Maria das Graças, Leudimar e Leudinara, com quem compartilhei os momentos alegres e tristes da graduação e não poucas vezes me ouviram e me acolheram. Vocês me fortaleceram.

Aos meus sobrinhos, Maria Eduarda e Pedro, que veem em mim um modelo e já compreendem o valor dos estudos, apesar de tão novos.

À minha orientadora, Professora Georgiana, por ter me inserido no universo da pesquisa e por todo acompanhamento, orientação, conselhos e puxões de orelhas, obrigado. Este trabalho não existiria sem a senhora.

Aos professores da UFMA que encontrei pelo caminho e contribuíram em grande medida para meu amor à linguística: Professora Ilza, Prof. Edson e Prof Wendel.

Aos muitos amigos que fiz durante a graduação, em especial à Delcyanne, Gabriel Jéssica, Lourrany e Raissa. O apoio e o carinho mútuo de vocês me fizeram chegar até aqui.

“A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”.

(Andrade, 1991, p.66)

RESUMO

Este estudo teve como objetivo geral analisar os fatores sociodialetais geradores da variação lexical no campo semântico Espaço e Habitação do Questionário Semântico-lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), nos 16 pontos de inquérito do ALiMA: Alto Parnaíba, Araióses, Bacabal, Balsas, Brejo, Carolina, Carutapera, Caxias, Codó, Imperatriz, Pinheiro, Raposa, São João dos Patos, São Luís, Tuntum e Turiaçu, distribuídos nas cinco mesorregiões maranhenses — Norte, Centro, Oeste, Leste e Sul —, com um total de 68 informantes, visando a) avaliar as respostas apresentadas para as questões 184, 187, 191, 192, 193 e 194; b) analisar se a variação presente ocorre pela influência de fatores sociais — diatópico, diassexual e diageracional; c) produzir cartas das variações por meio da cartografia dialetal; d) analisar como a variação lexical nesse campo semântico se manifesta entre os pontos oriental e ocidental do estado do Maranhão, especialmente, na mesorregião oeste que faz divisa com o estado do Pará. Para tanto, esta pesquisa alicerça-se nos pressupostos teóricos da Dialectologia, da Geolinguística Pluridimensional e da Sociolinguística desenvolvidos, sobretudo, por Aguilera (2005, 2002, 1999), Cardoso (2010), Labov (2008), Ramos, Bezerra e Rocha (2010), Ramos *et. al.* (2019) e Razky (2010). Do ponto de vista metodológico, este estudo seguiu a mesma metodologia do Atlas Linguístico do Maranhão para realizar a análise linguística do nível semântico-lexical dentro do contexto definido e a partir da observância de fatores sociodialetais. Os resultados evidenciaram que a) a maioria das respostas dadas pelos informantes dos municípios mais ao oeste do estado não se repetiu nas demais localidades; b) o fator diatópico foi a variável mais responsável pelo fenômeno da variação; c) apesar de os fatores diassexual e diageracional não apresentarem um condicionamento expressivo no uso das formas coletadas, as análises de questões pontuais evidenciaram certo grau de influência dessas variáveis no português maranhense.

Palavras-chave: Dialectologia; Espaços e habitação; ALiMA.

RESUMEN

El objetivo general de este estudio fue analizar los factores socio dialectales generadores de variación léxica en el área semántica, Espacio y Habitación del Questionário Semântico-lexical (QSL) del Atlas Lingüístico de Maranhão (ALiMA), en los 16 puntos de investigación de ALiMA: Alto Parnaíba, Araiões, Bacabal, Balsas, Brejo, Carolina, Carutapera, Caxias, Codó, Imperatriz, Pinheiro, Raposa, São João dos Patos, São Luís, Tuntum y Turiaçu, distribuidos en las cinco mesorregiones de Maranhão — Norte, Centro, Oeste, Este y Sur —, con un total de 68 informantes, con el objetivo de a) evaluar las respuestas presentadas para las preguntas 184, 187, 191, 192, 193 y 194; b) analizar si la variación actual se produce debido a la influencia de factores sociales — diatópicos, diasexuales y diageneracionales; c) producir mapas de variaciones utilizando la cartografía dialectal; d) analizar cómo se manifiesta la variación léxica en esta área semántica entre los puntos oriental y occidental del estado de Maranhão, especialmente en la mesorregión occidental que limita con el estado de Pará. Para ello, esta investigación se basa en los supuestos teóricos de la dialectología, la geolingüística pluridimensional y la sociolingüística, desarrollados, sobre todo, por Aguilera (2005, 2002, 1999), Cardoso (2010), Labov (2008), Ramos, Bezerra y Rocha (2010), Ramos et al., Alabama. (2019) y Razky (2010). Desde el punto de vista metodológico, este estudio siguió la misma metodología del Atlas Lingüístico de Maranhão para realizar el análisis lingüístico del nivel semántico-léxico dentro del contexto definido y con base en la observación de factores socio dialectales. Los resultados mostraron que a) la mayoría de las respuestas dadas por los informantes de los municipios más occidentales del estado no se repitieron en las demás localidades; b) el factor diatópico fue la variable más responsable del fenómeno de variación; c) aunque los factores diasexuales y diageneracionales no presentan un condicionamiento significativo en el uso de las formas recogidas, los análisis de preguntas específicas mostraron cierto grado de influencia de esas variables en el portugués de Maranhão.

Palabras clave: Dialectología; Espacios y vivienda; ALiMA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Área de distribuição dos pontos de pesquisa do ALiMA.....	26
Figura 2 - Mesorregião leste/oeste - Carta diatópica I - Questão 184.....	29
Figura 3 - Mesorregião leste/oeste - Carta diatópica II - Questão 187.....	30
Figura 4 - Mesorregião leste/oeste - Carta diatópica III - Questão 191.....	31
Figura 5 - Mesorregião leste/oeste - Carta diassexual I - Questão 187.....	32
Figura 6 - Mesorregião leste/oeste - Carta diageracional I - Questão 187.....	34
Figura 7 - Mesorregião leste/oeste - Carta diageracional II - Questão 191.....	35
Figura 8 - Carta diatópica I - Questão 184.....	37
Figura 9 - Carta diatópica II - Questão 187.....	38
Figura 10- Carta diatópica III - Questão 191.....	39
Figura 11 - Carta diatópica IV - Questão 194.....	41
Figura 12 - Carta diassexual I - Questão 184.....	42
Figura 13 - Carta diassexual II - Questão 187.....	43
Figura 14 - Carta diassexual III - Questão 191.....	44
Figura 15 - Carta diageracional I - Questão 184.....	47
Figura 16 - Carta diageracional II - Questão 187.....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-Localidades, mesorregiões e número de informantes investigados.....	26
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Análise diassexual: questão 192.....	45
Tabela 2- Análise diassexual: questão 193.....	45
Tabela 3- Análise diassexual: questão 194.....	46
Tabela 4- Análise diageracional: questões 192, 193 e 194.....	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 O LÉXICO	16
3 DIALETOLOGIA/GEOLINGUÍSTICA E A SOCIOLINGUÍSTICA: PONTOS EM COMUM	20
3.1 Dialectologia e Geolinguística Pluridimensional: o cruzamento de variáveis no estudo da variação linguística	22
4 OS ATLAS LINGUÍSTICOS	23
5 METODOLOGIA	25
5.1 Rede de pontos	25
5.2 Questões	27
5.3 Cartas Linguísticas e Critérios Analíticos	27
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
6.1 Leste e Oeste maranhense: análise diatópica	28
6.2 Leste e Oeste maranhense: análise diassexual	31
6.3 Leste e Oeste maranhense: análise diageracional	33
6.4 Análise dos dados nos dezesseis pontos de pesquisa	36
6.4.1 Análise Diatópica	36
6.4.2 Análise Diassexual	41
6.4.3 Análise Diageracional	46
7 CONCLUSÕES	49
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Para além de sua função primeira de comunicar, a língua/linguagem representa, desde o princípio das sociedades humanas, a realidade manifestada em aspectos sociais, na experiência e cosmovisão de um povo.

Partindo dessa perspectiva, é preciso desvelar que a língua não pode ser analisada fora dos contextos de comunicação e da complexidade da vida em sociedade. Segundo Saussure (2004, p. 17), a concepção de língua se desdobra em duas acepções concomitantes, ela é “ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Nesse sentido, uma língua e seus componentes constitutivos estão dentro de um recorte sincrônico de convenções sociais, pois a língua muda quando a sociedade muda.

O fenômeno da variação linguística manifesta em tempo real as adaptações e o manejo que o homem faz de sua língua ao experienciar, sob imposições da sociedade por meio do papel que ocupa nela, a influência de fatores sociais diversos. Apoiando-se nisso, a Dialectologia buscou ampliar o prisma pelo qual concebia a variação e passou a considerar, nas análises linguísticas, além do espaço geográfico (fator diatópico), uma série de variáveis como o estudo da fala de homens e mulheres (fator diasssexual), o contexto de fala (fator diafásico), a fala de pessoas de diferentes faixas etárias (fator diageracional), o contexto social (fator diastrático). Isso possibilitou o vislumbramento de um espectro de realizações de formas linguísticas entre o que se convencionou chamar de “certo” e “errado”. Notar esse vislumbramento é entender que a língua é afetada pela variação em todos os níveis: fonético, morfológico, sintático, semântico e, provavelmente o nível linguístico no qual a variação é mais rapidamente observada pelos falantes, o léxico (Biderman, 2001).

O léxico está intimamente mais próximo da vida social do que qualquer outro nível linguístico, porque é por ele que o homem atribui valor ao nomear objetos e elementos que o rodeiam. É o léxico que os aproxima de tudo que os cerca no mundo e de tudo que o indivíduo experiencia, visto que é o léxico que primeiro supre a necessidade da nomeação, dando conta do que se deseja apontar na realidade, “pois toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico” (Aguilera *et al.*, 2016, p. 77-78).

Nessa camada da língua, refletem-se primeiro as mudanças sociais, as influências, os empréstimos linguísticos, etc. Assim, segundo Barbosa (1993, p.1), “[...] o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores”. Para tentar incluir fatores sociais diversos que afetam a variação geográfica, a pesquisa dialetológica, utilizando-se do método geossociolinguístico,

tem como um de seus objetivos mapear a variação linguística associando as perspectivas diatópica e social. No entanto, ao surgir dentre as ciências linguísticas, os estudos dialetais se debruçavam somente sobre um único ponto: a variação diatópica. Dessa maneira, as pesquisas pretéritas deixavam de fora dados linguísticos valiosos por não se encaixarem no escopo dessa variação (Cardoso; Mota, 2013).

A geolinguística era, portanto, essencialmente monodimensional. Foi apenas com o impulsionamento da Sociolinguística, por meio das pesquisas de William Labov (1972), que a Dialectologia e mais especificamente a Geolinguística desfazem-se dos antolhos que as limitavam a uma visão unicamente diatópica e reconfiguram-se para exibir resultados de aspecto social (Cardoso, 2002). Atualmente, os dialetólogos alargaram o campo das variáveis, incluindo agora as que influenciam externamente a língua, as quais atuam diretamente sobre ela e conseqüentemente dão-lhe características que apenas a diatopia não seria capaz de explicar (Cardoso, 2002).

Cabe salientar que a maranhensidade do português brasileiro começou a ter visibilidade no cenário nacional pelos estudos desenvolvidos por Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão, em sua obra *Poranduba Maranhense* (1819 -1820), na qual apresenta traços que já protagonizam uma realidade linguística maranhense no português brasileiro.

Posteriormente, muitos outros estudiosos e pesquisadores foram dando continuidade às investigações sobre as particularidades do português maranhense. Nesse contexto, foi oficialmente criado, em 2001, o Projeto Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA que, alinhado aos objetivos e pressupostos teórico-metodológicos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, se lançou a realizar investigações nos diversos níveis linguísticos (fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, pragmático) do português maranhense com o intuito de descrever, em meio ao cenário brasileiro, a variedade do português falado no Maranhão no século XXI. (Ramos *et al.* 2005).

Nesse sentido, fundamentado nesses pressupostos teórico-metodológicos e levando em consideração a influência do espaço no modo de vida do homem, bem como a importância cultural de como o indivíduo concebe de formas diferentes os elementos comuns que compõem o lugar onde habitam, este estudo¹ tem como objetivo geral analisar, sob uma perspectiva sociodialetal, aspectos da variação semântico-lexical maranhense no campo semântico Espaços e Habitação do QSL do ALiMA. Por isso, buscou-se analisar trechos de entrevistas referentes

¹ Este trabalho está relacionado à pesquisa *A Variação Semântico-lexical no campo Espaços e Habitação: uma análise sociodialetal do corpus constituído por questões do ALiMA*, desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) cota 2023/2024, com financiamento de bolsa CNPq e está vinculado ao Grupo de Pesquisas em Línguas, Memórias, Identidades e Culturas (GELMIC), coordenado pela Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos.

às perguntas acrescidas pela equipe do ALiMA (184, 187, 191, 192, 193 e 194) ao campo Espaço e Habitação do QSL do ALiB, considerando o *corpus* coletado pelo ALiMA nas 16 localidades representativas das cinco mesorregiões maranhenses.

Além da análise geral das 16 localidades, realizou-se um contraponto entre as mesorregiões leste e oeste com o objetivo de analisar como a variação se manifesta entre os pontos oriental e ocidental do estado do Maranhão, especialmente, na mesorregião oeste que faz divisa com o estado do Pará. Isso se deu, especialmente, dentro de três questões específicas, a 184, a 187 e a 191, por terem sido elas as mais produtivas entre os informantes. Em vista disso, esta pesquisa traça um paralelo entre pontos físicos do estado para que se evidencie a presença ou a ausência de oscilações na língua dentro de áreas equidistantes do Maranhão. Trata-se de perguntas de ordem espacial e doméstica, ou seja, os falantes nomeiam itens que compõem tanto o lugar onde moram quanto a casa onde habitam.

Para atingir esses objetivos, primeiramente, levantou-se e revisou-se os dados das questões 184, 187, 191, 192, 193 e 194, pertencentes ao campo semântico Espaço e Habitação do QSL/versão Maranhão, com base no *corpus* coletado pelo Projeto ALiMA nas 16 localidades investigadas, para garantir uma análise sociodialetoal representativa das cinco mesorregiões do estado. A seguir, levantou-se as variantes semântico-lexicais concernentes ao campo Espaço e Habitação no que tange às questões do QSL/ALiMA. Paralelamente, analisou-se as variáveis sociodialetoais que condicionam a variação léxico-semântica nessas questões e avaliou-se a inclusão dessas questões no QSL do ALiMA considerando a diversidade dos dados coletados. Por fim, produziu-se cartas linguísticas e se fez a análise de como a variação lexical nesse campo semântico se manifesta entre os pontos oriental e ocidental do estado do Maranhão, especialmente, na mesorregião oeste que faz divisa com o estado do Pará.

Sendo assim, esse trabalho se justifica por ter o campo Espaços e Habitação um dos maiores números de questões acrescidas pelo ALiMA ao ALiB no âmbito do QSL; pela ausência de pesquisas feitas, especificamente, sobre as 6 questões acrescidas pelo ALiMA à proposta de QSL feita pelo ALiB, a saber: 184, 187, 191, 192, 193 e 194 do QSL/ALiMA; pela necessidade de análise da pertinência/produtividade das questões acrescidas pelo ALiMA à proposta do ALiB, para ampliar e garantir o registro da realidade sociocultural maranhense; pela necessidade de ampliação de investigação dos fatores sociodialetoais determinantes da variação no português falado no Maranhão; e pelo compromisso de contribuição com futuras publicações de números/volumes do ALiMA.

Seguindo o parâmetro metodológico do ALiMA, este estudo utiliza o método de pesquisa dialetal de base geolinguística pluridimensional, com dados coletados em 16 localidades representativas das mesorregiões do estado. A amostra foi composta por 68

informantes distribuídos conforme os seguintes critérios: divisão por faixa etária e sexo, nível de escolaridade fundamental e naturalidade. Os dados coletados foram organizados e analisados pela equipe ALiMA.

Com a finalidade de apresentar e discutir aspectos sobre o tema, desenvolveram-se as seguintes seções: “O léxico”, “Dialetoлогия/Geolinguística e a sociolinguística: pontos em comum”, “Dialetoлогия e Geografia pluridimensional: o cruzamento de variáveis no estudo da variação linguística” e “Os atlas linguísticos”. A primeira seção se debruça sobre o conceito do léxico e da lexicologia. Já a segunda seção discorre sobre os pontos nos quais a dialetoлогия/geolinguística aproximam-se da sociolinguística, bem como os pontos que as distanciam. Além disso, também aborda sobre a variação lexical dentro dos métodos da geolinguística para revelar as variáveis que incorrem no fenômeno. A terceira seção aborda a história dos atlas linguísticos no Brasil e no Mundo. Por fim, a quarta seção detalha os métodos utilizados no estudo, enquanto a quinta e a sexta seção apresentam os resultados e as conclusões da pesquisa, respectivamente.

Por último, ressalta-se que diversos foram os fatores que contribuíram para a escolha do tema desta pesquisa, sobretudo, a necessidade de se observar a língua de forma crítica, combatendo preconceitos linguísticos e de comprovação de que a língua serve aos falantes, e não o contrário, ao passo que se entenda a dita norma culta como uma variedade pertencente a uma língua plural, e o mais importante, o compromisso com a preservação de formas linguísticas regionais próprias de cada localidade, de maneira que os falantes reconheçam legitimidade nelas e que compreendam seu valor sociocultural.

2 O LÉXICO

Torna-se tarefa difícil eleger uma conceituação para léxico quando o próprio termo não escapa da variabilidade na sua classificação: léxico é a palavra? O vocábulo? O verbete? Ou o conceito de léxico é similar em todas essas classificações? Para começar a responder essas questões, é preciso observar que alguns termos são criados para atender necessidades mercadológicas ou educacionais, que não linguísticas, e vestem um termo já existente para dedicar-se a objetivos em voga. Com base nisso, nesta pesquisa, entende-se o léxico como palavra, isso porque algumas denominações, como as que foram citadas, carregam certo teor técnico que dizem respeito a específicas áreas de aplicação; verbete, por exemplo, é comumente relacionado às palavras dos dicionários.

Definido, pois, a classificação do léxico enquanto palavras, essas mesmas que compõem a língua, cabe, agora, estabelecer as bases conceituais do que é léxico de fato para a

linguística e delinear o papel das palavras na língua. Discussões como esta comumente esbarram no senso comum de que qualquer unidade linguística contida numa estrutura provida de significado é uma palavra. Se assim for considerado, na frase “Eu dei um anel de ouro para João” tem-se oito palavras; logo, pronomes, verbos e preposições fazem parte do léxico da língua. No entanto, a teoria linguística ajuda a entender razoavelmente o que é classificado como palavra, estabelecendo a divisão em dois grupos das unidades da língua, muito bem explicado por Antunes (2012) quando do primeiro grupo, sobre:

as unidades cujo significado remete às coisas, aos fenômenos do mundo da experiência, do mundo extralinguístico, a seus modos de existir, a suas propriedades e manifestações; estabelecem, portanto, a vinculação entre a língua e a experiência; têm índices de frequência variáveis, pois dependem do gênero e do tema em desenvolvimento (Antunes, 2012, p. 32).

Diante do que diz a autora, entende-se que fazem parte do léxico as unidades da língua que existem para dar conta da realidade humana, que, sobretudo, ocupam lugares antes vazios com o objetivo de descrever itens que atravessam a vivência. Nesse sentido, as palavras descrevem entes no mundo, restritos a cada comunidade de fala, a cada recorte social e cultural, atravessado pela história e política; além de possuírem, sobretudo, carga semântica potente e levarem consigo a representação mental do significado: temos a imagem mental de um anel e do ouro, mas não há imagem mental para itens como “de” e “para”. Por isso mesmo é que o segundo grupo das unidades da língua diz respeito aos elementos intrinsecamente linguísticos, ou seja, elementos que só tem seu sentido completo ao completarem os sentidos de outros elementos dentro da língua (Antunes, 2012).

Ante ao exposto, entende-se, então, a palavra como o que é capaz de representar uma imagem no mundo, ou de descrever sensações, conceitos, estados e fenômenos. No entanto, para que não se incorra no erro de conceber a palavra como a menor manifestação léxica — bola, chuva, amor, fiscalização — vale destacar que se insere também no campo da palavra as chamadas expressões cristalizadas, ou idiomáticas, impossíveis já de dissociá-las — bom dia, feliz aniversário, bilhete único, dia das mães. Objetivamente, é o que encontraremos nesta pesquisa: representações léxicas frásticas que os informantes usaram para descrever sua realidade — tá esbandalhado, tá ruim; do outro lado do rio etc. — são as chamadas unidades fraseológicas, explicado por Mota; Paim; Cardoso (2018, p. 109) como “...toda e qualquer frase ou expressão cristalizada, cujo sentido geral não é literal, utilizada pelos falantes em situações comunicativas específicas e cujo sentido do todo não resulta da soma do sentido das partes...”

Todos esses conceitos se encontram em uma única instância: nomear é uma necessidade humana; logo, está sujeita a critérios que atravessam a vivência humana. Por isso mesmo, o léxico representa a chave para descobrir as marcas deixadas na língua por diferentes agentes

que o influenciam por meio de aspectos históricos, culturais e sociais. Esses agentes — a história, a cultura, e até mesmo a curiosidade humana — direcionam as escolhas lexicais e refletem a vivência de um povo, pois “o léxico constitui um espaço privilegiado do processo de produção, acumulação, reiteração, transformação dos sistemas de valores, visão de mundo, ideologia e práticas sociais e culturais de um grupo humano” (Ramos, 2002, p. 201).

Nessa perspectiva, constata-se que a interação do homem com o espaço se fortalece por meio do processo de classificar itens que fazem parte do seu cotidiano, em um movimento de rotulação e catalogação mental desses itens. Além disso, essa nomeação obedece a critérios próprios que se retroalimentam, dando ao suporte lexical um caráter infinito de possibilidades. Em outras palavras, quando surge a necessidade de nomear ou descrever o que é novo, o falante muitas vezes fará isso lançando mão do seu repertório lexical.

Isso ocorre, sobretudo, em um processo de transferência de significado do que já é usual e concebido para algo novo, fazemos isso a todo instante, exemplos disso são expressões como “o olho da fechadura”, “batata da perna”; rotineiramente, classificamos as plantas e animais com o que é próximo à nossa realidade: copo-de-leite; pata-de-vaca, porco-espinho. Biderman (1987) tece comentários valiosos a respeito da relação entre léxico e experiência humana, quando diz que:

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo (Biderman, 1987, p. 81).

É interessante pontuar também a relação da renovação do léxico aliado a ferramentas disponíveis na própria língua. Nesse aspecto, a morfologia se destaca na renovação lexical e na aplicação da potente ligação cognitiva que possui qualquer falante, independente do nível de escolaridade. Certamente, qualquer falante é capaz de entender nuances do significado por trás de palavras como chuva, chuveiro e chuvarada. Portanto, como segue dissertando Biderman (1987, p. 81) “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”. Essas palavras, muitas vezes, não se encerram em seus próprios conceitos, pois vão além de sua definição e podem ajudar a circunscrever a forma de falar de (ou por que falam, ou como falavam) um determinado grupo.

Nesse sentido mesmo é que dizemos que a variação linguística é inerente a todas as camadas da língua: está na fonologia, na morfologia, na sintaxe, etc.; mas é no nível lexical que observamos primeiro e mais rapidamente as mudanças ao longo do tempo (Biderman, 2001). Justamente porque é o léxico, dentre todas as camadas da língua, que escancara as diferenças,

vistas no choque entre o novo e o velho, entre aspectos culturais e regionais, sexuais, políticos, econômicos etc., como elaborado por Antunes (2012, p. 29) ao dizer que:

A sintaxe e a fonologia constituem um conjunto mais ou menos fechado de possibilidades. O léxico, ao contrário, é aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mas, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para outro, de um tempo para outro.

Em outras palavras, enquanto que a variação no nível como o fonológico, por exemplo, trabalha com um número limitado de possibilidades e, por isso, requer um tempo maior de análise para poder se confirmar a mudança, a variação no nível lexical é facilmente notada, até mesmo pelos próprios falantes: a um maranhense soará inabitual ouvir de um sulista o termo *jerimum* para se referir a abóboras; ou certamente causará estranheza a um falante nascido nos anos 2010 ouvir de um falante mais velho a palavra japonesa para se referir a chinelo. A respeito destas análises da natureza do léxico, Krieger (2014, p. 325) diz que:

A multiplicidade de facetas do léxico é indicativa de que esse componente não é um bloco monolítico, mas compõe-se do velho e do novo, do geral e do específico, do uso abrangente em termos territoriais ou do regional entre outros aspectos. Com essa abrangência, nomeia, designa, faz significar, expressa subjetividades e ideologias. Por tudo isso, o léxico funciona como o pulmão das línguas vivas de cultura, evidenciando que é um conjunto aberto que se renova, em especial, pelo seu papel de nomear o que surge de novo, o que a ciência descobre e os artefatos que a tecnologia produz. Igualmente, a renovação lexical atende às condições necessárias de comunicação verbal de diferentes gerações, das especialidades profissionais, de grupos sociais distintos entre tantas outras possibilidades. Toda essa diversidade constitutiva está, pois, relacionada a aspectos diacrônicos, diatópicos, de estratos sociais, de níveis de fala.

Indubitavelmente, o léxico é a força motriz que rege a organização das culturas, bem como é o elemento vital da relação do homem e de sua cosmovisão, sendo recurso primeiro no estabelecimento do conceito. Esse dado conceito, capaz de representar a identidade, a ideologia, etc., serve-se da historicidade da língua e busca, nela mesma, alimentar suas bases, em um processo de recolhimento e reaproveitamento da palavra (Antunes, 2012).

A respeito da construção dos conceitos advindos do que está disponível, Antunes (2012) adverte que todas as palavras remetem ao conhecimento que o homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas de que participa. Segundo a autora, “Nunca posso falar senão recolhendo aquilo que se arrasta na língua” (Antunes, 2012, p. 28, apud Barthes, 2001, p. 15). Nesse ínterim, aquilo que se arrasta na língua traz dados valiosos que podem ajudar na preservação dos aspectos distintos de comunidades linguísticas, principalmente as mais negligenciadas linguisticamente.

3 DIALETOLOGIA, GEOLINGUISTICA E A SOCIOLINGUISTICA: PONTOS EM COMUM

Em sua origem, a Dialetoologia, iniciada por Jules Guilliéron (1918) muito antes dos primeiros pressupostos da Sociolinguística, surgiu do desejo de catalogar o falar de comunidades do interior da França (Razky; Oliveira, 2014, p. 26). Já no Brasil, no ano de 1826, destacaram-se os primeiros estudos de Domingos Borges de Barros, que levava o título de Visconde de Pedra Branca, sobre as diferenças entre o falar de Portugal e do Brasil.

Mais de cem anos depois dos escritos do autor, as autoras Ferreira e Cardoso (1994) afirmaram que a Dialetoologia se configurou, ao longo do tempo, em quatro fases, tendo a última os condicionadores da variação espacial. É esta quarta fase, a chamada Dialetoologia Pluridimensional, a que perdura na atualidade. Mas afinal, o que define a Dialetoologia como uma das mais importantes disciplinas da variação?

Apesar de a língua ser o ponto de partida comum das atuais três grandes ciências da variação linguística, a Dialetoologia, a Geolinguística e a Sociolinguística, essas disciplinas apresentam métodos particulares de análise que as diferenciam razoavelmente quando comparadas entre si (Cardoso, 2010; Elizaincín, 2010).

No entanto, pode-se conceituá-las da seguinte forma: a Geolinguística como um ramo da Dialetoologia especializada no comportamento linguístico contido em um determinado local físico/espacial. A Sociolinguística como a ciência linguística que se ocupa essencialmente do condicionamento de fatores de ordem social na língua. A Dialetoologia, por sua vez, como uma área de estudo da Sociolinguística especializada nos estudos dos dialetos. É justamente dentro do conceito de dialeto que começamos a pensar no objeto de estudo da Dialetoologia que a distingue sobretudo da Sociolinguística (Chambers; Trudgill, 1994).

Diante desse cenário, percebe-se que não é tarefa fácil definir de fato o que é dialeto, isso porque entre linguistas há certa divergência quanto ao conceito dado ao termo. Alguns autores como Coseriu (1982) e Dubois *et al.* (1998), encaram o dialeto como uma língua em desenvolvimento, isso porque nos dialetos encontramos aspectos morfológicos, fonéticos, semânticos, lexicais etc., ou seja, aspectos que compõem a estrutura de uma língua.

Tal análise se fortalece ainda mais quando se constata o fato de que todas as línguas naturais já foram em algum momento histórico dialetos que se desenvolveram e foram reconhecidas como língua; o contrário também aconteceu: línguas estândaes como o latim dissolveram-se em dezenas de dialetos que tardiamente elevaram-se como língua (português, espanhol, italiano). Em outras palavras, o termo língua, “diacronicamente, pode ser ‘uma língua comum no caminho da dissolução ou uma língua comum no processo de unificação’” (Mané, 2012, p. 41, apud Haugen, 1966, p. 96-97).

Nesse sentido, se a língua está no processo de dissolução, iniciou-se com manifestações dialetais; se, pois, está no processo de unificação, finalizou-se divergências dialetais, “esses processos de unificação/dissolução repetem-se ciclicamente” (Mané, 2012. p. 41). Por isso, Coseriu (1982, p. 11-12) vai ainda mais longe quando diz que a separação entre dialeto e língua ocorre apenas por uma questão de status:

Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é justamente, uma língua histórica (ou idioma). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior.

A despeito das análises do autor, o recorte de tempo em que um dialeto pode ser elevado a status de língua sempre é longo, precisando que se corrobore fortes diferenças linguísticas entre esta e aquele. Sendo assim, constata-se que dialeto é uma variedade de uma determinada língua, pois é uma forma alternativa de uso dessa língua, que possui um caráter global.

Esta língua estará localizada em uma determinada região, uma vez que o principal aspecto do dialeto é o espaço geográfico, e esse dialeto se manifestará também geograficamente, nem sempre obedecendo a fronteiras políticas administrativas, mas formando verdadeiras ilhas dialetais, as chamadas isoglossas. Acerca disso, Siqueira *et al* (2014, p. 49-50) aponta que:

Modernamente podemos considerar o dialeto um conjunto de isoglossas, que são linhas que unem pontos de mesma particularidade linguística (fonética, morfológica, sintática ou léxica). As isoglossas delineiam contrastes e apontam semelhanças linguísticas socioculturais, no caso da isoglossa diastrática ou, ainda, configuram diferenças de estilo, no caso da isoglossa diafásica. Dessa forma, a concepção de dialeto, segundo Ferreira e Cardoso (1994: 16) é a de ‘dialeto como feixe de isoglossas, ou seja, um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras’.

Conforme advertem as autoras, a partir da diatopia é que se vai introduzir outras perspectivas de análise: fatores socioculturais, questões estilísticas, a influência das gerações, escolhas de gênero etc., são condicionadores da forma como a língua se manifesta a partir do espaço físico. Nesse sentido, se pensamos, por exemplo, em uma variação diacrônica de um determinado local, pensamos na dialetologia histórica; se na variação diastrática, trabalhamos a dialetologia social; se na variação exclusivamente diatópica, escolhemos a dialetologia geográfica. Se, por fim, deseja-se trabalhar todos esses aspectos ao mesmo tempo, pensamos na dialetologia aliada à geografia pluridimensional (Cardoso, 2002).

Nesse sentido, a Dialetologia alia-se à Geolinguística que surge agora não apenas como método de coleta de dados, mas como disciplina no estudo da variação espacial. Podemos inferir

que nesse ponto encontram-se as três ciências: na Geolinguística que usa as bases espaciais da Dialetoлогия aliado a parâmetros sociolinguísticos. Por isso, “a Geolinguística no Brasil, assim e hoje em dia, vem procurando agregar à preocupação diatópica a busca de dados de natureza sociolinguística que permitirão uma «fotografia» mais completa da realidade do português brasileiro” (Cardoso, 2002, p. 14).

No tocante à sofisticação no melhoramento da coleta dos dados pela Geolinguística Pluridimensional, à guisa dos métodos da Sociolinguística, Cardoso (2002, p.12-13) reforça que:

A essa nova visão relativa à natureza dos dados a serem coletados — o que implica uma outra diretriz no tocante às variáveis sociais e geográficas — está integrada, também, uma nova concepção dos instrumentos de pesquisa de campo e de publicação de resultados. Assim, os questionários linguísticos apresentam-se diversificados e recobrando diferentes níveis de abordagem da língua — fonético-fonológico, morfossintático, semântico-lexical, prosódico, pragmático-discursivo. A coleta de dados passa a ser feita segundo padrões técnicos mais eficientes, permitindo a publicação de resultados sob diferenciada forma — desde as tradicionais cartas linguísticas aos dados passíveis de serem alcançados por meios eletrônicos. A Geolinguística está multifacetada e comprometida com um amplo rol de variáveis.

Portanto, as três ciências partem do ponto comum que é a descrição dos fatos linguísticos, diferenciando-se, no entanto, quanto à forma de análise dos dados, ao espaço e à distinção em maior ou menor grau dos extratos sociais.

3.1 Dialetoлогия e Geolinguística Pluridimensional: o cruzamento de variáveis no estudo da variação linguística

Nas últimas décadas, afluíram pesquisas na área da Dialetoлогия para o levantamento da variação lexical no território brasileiro, em conjunto o método da geografia pluridimensional, com o objetivo de coletar, transcrever e catalogar o léxico nos campos semântico-lexicais nas mais diversas áreas do comportamento humano: cozinha e alimentação, espaços e habitação, corpo humano, brincadeiras, etc. Tudo isso para preservar a riqueza lexical ainda não explorada nos rincões do Brasil, contida sobretudo na fala não monitorada do homem interiorano.

Realizar a coleta de dados delimitando uma área geográfica é um dos primeiros passos na pesquisa dialetológica. No entanto, somente o fator espacial não é suficiente para explicar a variação. Primeiramente, o fenômeno é observado ao se comparar pontos de pesquisa, no que tange às distintas classificações pelos informantes para um mesmo referente; entretanto, ainda restará explicar o porquê da variação. Nesse momento, quando o fator diatópico não for suficiente para explicá-la, são consideradas outras variáveis aliadas a ele, isso porque “o falante é visto como um ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido e em múltiplas direções” (Cardoso, 2002, p. 11-12).

Nesse sentido, os falantes, a depender de suas individualidades, reproduzem no seu falar marcas que refletem sua cultura e aspectos sociais a que pertencem. Por exemplo, mulheres, historicamente, sofrem diversas pressões sociais em sucessivos campos da vida, enquanto que homens, em geral, desfrutam de certa tolerância nessas mesmas instâncias; devido a isso, o modo como projetam sua fala carrega essas influências do fator sexo. Assim,

A variação linguística de sexo/gênero surge porque a língua, como fenômeno social, está relacionada a atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes nas diferentes posições sociais que ocupam, e são regidos por diferentes regras sociais. A língua reflete simplesmente um fato social (Busse. 2000, p. 104).

É a chamada variação diassexual ou diagenérica. Outrossim, falantes mais novos tendem a encabeçar o processo de mudança linguística quando produzem variantes as quais têm pouca ou nenhuma produtividade na fala de informantes mais velhos, é a chamada variação diageracional.

Essas são algumas das possibilidades na língua com as quais esta pesquisa trabalha e que podem explicar a variação. Assim como se rompeu a ideia do purismo linguístico e a ideia de se conceber a língua como uma estrutura autônoma, foi preciso pensar na língua dentro da variação geográfica, e depois além dessa variação, ou ligada a ela, fatores outros, sociais, históricos e culturais, para se entender como a língua atua no cruzamento dessas variáveis, como é a língua de cada grupo, de cada lugar.

4 OS ATLAS LINGUÍSTICOS

Tendo em conta que um dos principais objetivos desta pesquisa é contribuir para a formação de um atlas linguístico voltado para o português maranhense, torna-se pertinente uma breve explanação do percurso histórico que nos conta do desejo de linguistas de várias épocas em elaborar um atlas linguístico do português brasileiro.

Além disso, a concretização de um atlas linguístico é a prova da contribuição dos estudos dialetológicos aliados aos métodos da geolinguística no mapeamento de formas lexicais a partir de uma perspectiva sociolinguística, ou seja, a observância das formas lexicais desde condicionadores geográficos, socioculturais e temporais.

Seguindo o fio da história da geografia linguística no Brasil, que nos conta Cardoso (1999), suscetíveis acontecimentos foram somando-se para o surgimento do projeto de um atlas linguístico nacional. Dentre eles cita-se: o Decreto 30. 643, de março de 1952; A realização, em 1957, do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros em Lisboa e um diagnóstico

realizado por Antenor Nascentes em 1958 no qual o autor apontou os fundamentos para a elaboração do tão esperado Atlas Linguístico do Brasil - ALiB.

É interessante salientar que durante o III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros em Lisboa, no ano de 1957, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha destacaram que devido a dimensão continental do Brasil, era necessário realizar as pesquisas primeiramente por localidades, daí que “o reconhecimento das dificuldades advindas sobretudo da extensão territorial do país e das vias de comunicação determinaram a opção inicial dos estudos geolinguístico no Brasil: empreender-se o trabalho começando pelos atlas regionais” (Cardoso. 1999, p. 7).

Postuladas as bases para a construção do projeto ALiB, deu-se início a produção de atlas regionais por todo país (Cardoso; Mota. 2013, p. 123). Nesse sentido, o comitê organizador do projeto criou uma metodologia que pudesse ser replicada por todos os dialetólogos brasileiros, em consonância com a novíssima Geolinguística Pluridimensional buscando:

[...] unir ao princípio da diatopia, pelo qual se vem regendo a Dialectologia desde os seus primórdios, princípios sociolinguísticos que, juntando-se ao primeiro, vão ensejar cartas linguísticas que permitem ao leitor não só saber onde se diz tal coisa, mas que tipo de falante – homem-mulher, jovem- velho, escolarizado-não escolarizado – é responsável por aquele enunciado (Cardoso; Mota. 2013, p. 134).

Os principais objetivos do projeto ALiB podem ser reunidos em quatro pontos, a saber: i) a catalogação e o mapeamento da realidade espacial, bem como a definição de isoglossas; ii) a contribuição no ensino-aprendizagem da língua materna com os dados coletados; iii) a interseção da geolinguística com outras áreas do conhecimento que possa contribuir para o melhoramento das ciências de forma geral; iv) o reconhecimento do português brasileiro como ferramenta de interação social diversificada, que desponta em variedades linguísticas mas que pertence a um só código usual (Cardoso; Mota. 2013, p. 131).

Diante dessa iniciativa e com a investida de iniciar pelos atlas regionais é que surge o projeto de construção de um atlas linguístico do Maranhão, o ALiMA. Coordenado pela professora Conceição Ramos, o ALiMA investiga dezesseis localidades representativas do estado do Maranhão, utilizando a mesma metodologia do ALiB. Para a seleção dessas localidades, foram considerados, sobretudo, a relevância sociocultural e histórica de cada uma delas, dados quanto à sua formação e sua localização geográfica em relação a outras regiões.

Embora esteja ainda em vias de publicar um de seus primeiros volumes, os dados linguísticos do ALiMA já contribuem em grande medida na produção de trabalhos acadêmicos de toda sorte.

5 METODOLOGIA

Seguindo o parâmetro metodológico do ALiMA, este trabalho se pauta no método de pesquisa dialetal de base geolinguística pluridimensional. Sob esse critério, os informantes do ALiMA atenderam as seguintes especificidades: dos 16 pontos de investigação, foram analisados os dados de 68 informantes, distribuídos em grupos de 4 pessoas, sendo dois informantes do sexo masculino e dois do sexo feminino, com nível fundamental de ensino em cada uma das localidades — com exceção da capital, São Luís, onde a pesquisa contou com 8 informantes e com o acréscimo da variável escolar grau universitário. Além disso, os inquiridos tinham duas faixas etárias definidas — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos —, sendo todos naturais dos 16 pontos de inquérito das cinco mesorregiões do estado.

Após o trabalho de campo da equipe ALiMA, realizou-se a análise e a revisão dos áudios e das transcrições para a coleta dos dados desta pesquisa, agrupando os resultados obtidos em tabelas pelo programa Google Docs, de acordo com as denominações correspondente a cada questão investigada.

A coleta de dados e as transcrições das falas dos informantes foi realizada em campo pela equipe ALiMA, especialmente, entre os anos de 2007 a 2014.

5.1 Rede de pontos

Esta pesquisa contempla as dezesseis localidades que compõem toda a rede de pontos do Projeto ALiMA. Essas localidades constituem municípios representativos das mesorregiões do estado onde foram realizadas as entrevistas para a obtenção dos dados linguísticos.

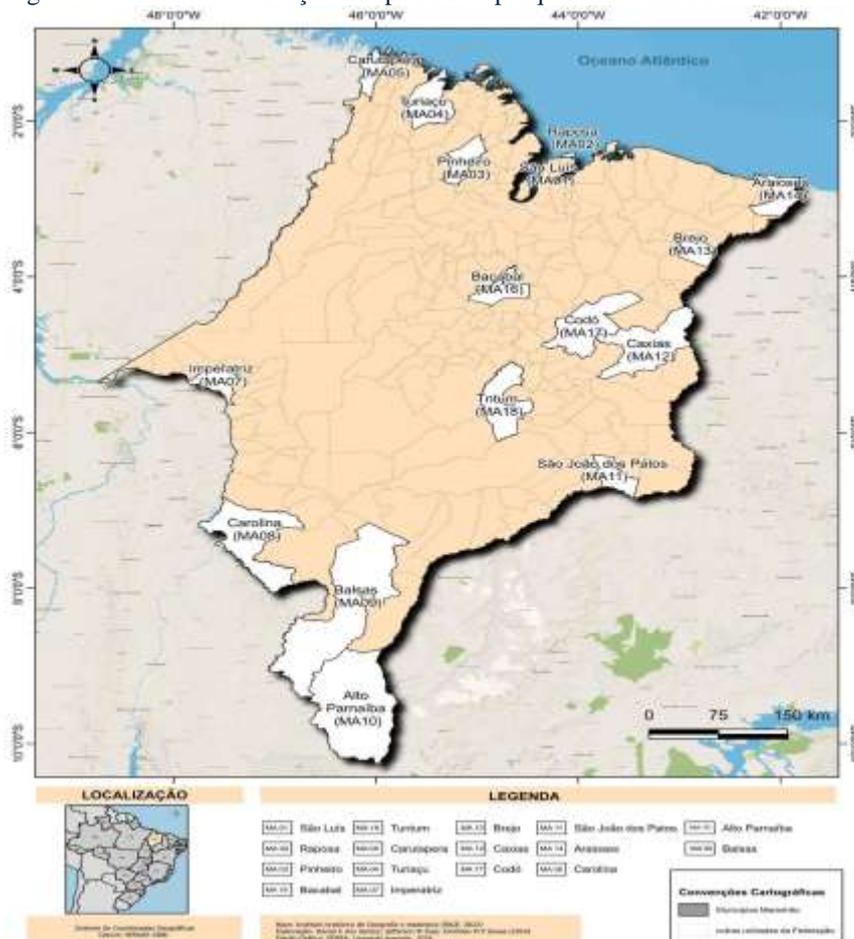
Quadro 1-Localidades, mesorregiões e número de informantes investigados

Mesorregiões	Localidades	Total de informantes
Norte Maranhense	São Luís	8
	Raposa	4
	Pinheiro	4
Sul Maranhense	Carolina	4
	Alto Parnaíba	4
	Balsas	4
Centro Maranhense	Bacabal	4
	Tuntum	4
Leste Maranhense	Brejo	4
	Caxias	4
	Codó	4
	São João dos Patos	4
	Araioses	4
Oeste Maranhense	Carutapera	4
	Turialva	4
	Imperatriz	4

Fonte: Autor (2024)

Abaixo a representação cartográfica dos pontos de pesquisa do projeto ALiMA no estado do Maranhão.

Figura 1 - Área de distribuição dos pontos de pesquisa do ALiMA



Fonte: Autor (2024)

5.2 Questões

(184) Como se chama um povoado que fica do outro lado do rio?

(187) Como se chama a parte da parede que tem espaços vazios?

(191) Quando um objeto, um aparelho está estragado, sem funcionar, se diz que ele está...?

(192) Como se chama o objeto de madeira, de metal ou plástico utilizado para pendurar roupa no guarda-roupa?

(193) Como se chama o banco sem encosto?

(194) Como se chama o armário para guardar mantimentos, na cozinha, e que tem tela nas portas?

5.3 Cartas Linguísticas e Critérios Analíticos

Para a produção das cartas, utilizamos o Software para geração e visualização de cartas linguísticas [SGVCLin] – elaborado pelo professor Valter Pereira Romano em parceria com Rodrigo Duarte Seabra e Nathan Oliveira.

As cartas linguísticas apresentam o mapa do estado do Maranhão e as 16 localidades das 5 mesorregiões na cor branca. A porcentagem do uso das variantes se apresenta em gráficos no formato de pizza e com cores que representam a gradação da produtividade do uso das variantes: a cor vermelha representa o item que teve maior número de registros, a cor azul representa o item que teve o segundo maior número de registro e assim por diante.

Alguns critérios foram adotados para o exame dos dados coletados e a produção das cartas linguísticas. Em primeiro lugar, optou-se por gerar cartas com até 5 variantes mais produtivas, isso se deu devido ao grande número de variantes de registros únicos em algumas questões. Essas variantes menos produtivas foram classificadas nos mapas na cor cinza com a legenda “outros”.

As variantes apresentadas nesta pesquisa foram transcritas grafematicamente na tentativa de preservar a fala natural do informante. Por esse motivo, metaplasmos da fala comum e corriqueira são conservados na grafia dos itens, como por exemplo: alçamentos vocálicos (ex.: estragado por *istragadu*); rotacismo (ex.: bloco por *brocu*); debucalização (ex.: dismantelado por *dihmanteladu*); monotongação (ex.: cristaleira por *cristalêra*); apócope (ex.: “aquele lado de lá” por “*aquê lá de lá*”); iotização (ex.: velho por *véi*), etc.

Devido a variação fonológica que incide sobre alguns itens, agrupamos todos os registros que descrevem uma mesma variante como sendo um único item; por exemplo, para a

questão 187 “... a parte da parede que tem espaços vazios?” obtivemos as respostas *bloqu*, *brocu*, *bloqueti*, *bloquiuns*, neste caso há uma clara variação fonológica, mas não semântica, por isso os itens são agrupados como sendo uma única variante.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de analisarmos os resultados das 16 localidades, realizamos, como explicitado no início do trabalho, um recorte da pesquisa para criar um contraponto entre a mesorregião leste — composta pelos municípios de Brejo, Caxias, Codó, São João dos Patos e Araiões — e a mesorregião oeste — composta pelos municípios de Carutapera, Turiaçu e Imperatriz — no tratamento dos dados de três questões específicas: 184, 187 e 191.

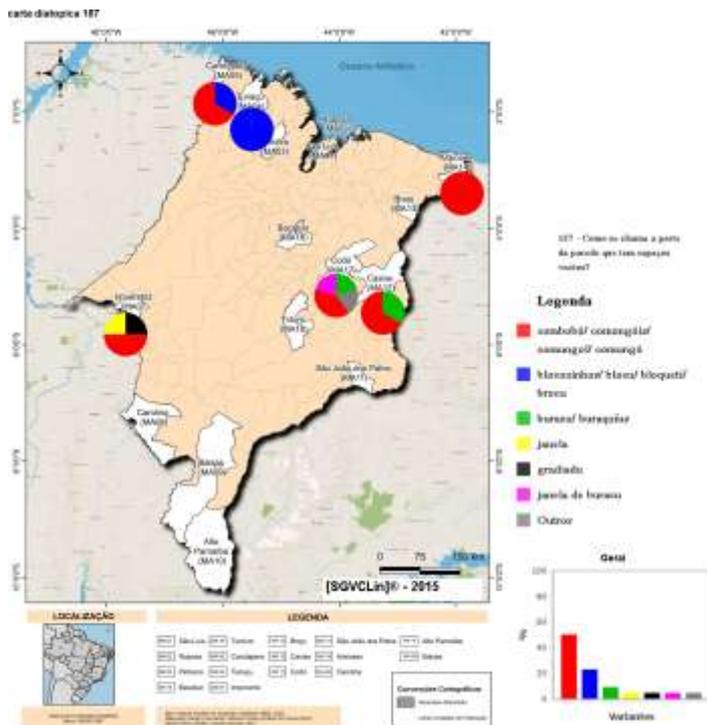
Além das mesorregiões estarem em pontos equidistantes, variável importante para se trabalhar na pesquisa, os municípios de Carutapera e Turiaçu estão próximos ou fazem divisa com o estado do Pará. Nesse sentido, buscou-se descobrir se as respostas para as perguntas nessas duas localidades destoam das respostas dadas pelos informantes dos outros municípios analisados, possivelmente, pela influência dos falares do norte do país.

6.1 Leste e Oeste maranhense: análise diatópica

A questão 184 apresentou 9 variantes com 16 ocorrências ao todo. Dentre elas, a mais produtiva foi *do ladu de lá/ do ôtru ladu do rio/ do ôtu ladu/ la de lá*² (37.50%). As demais obtiveram baixa produtividade como *ilha* e *trizidela* (12.50%). 10 informantes não souberam ou não responderam.

² A esse tipo de registro, cuja estrutura e sentido se faz por meio de frases, se dá o nome de "lexia textual". Pottier (1978, p. 268-272 *apud* Vasconcelos, 2022, p. 35) as conceitua “como uma lexia complexa que alcança o nível de um enunciado ou de um texto, como em provérbios, por exemplo.”

Figura 3 - Mesorregião leste/oeste - Carta diatópica II - Questão 187



Fonte: Autor (2024)

Em relação à questão 191, houve 14 variantes que ocorreram em 40 registros. Destacam-se como as mais produtivas *desmanteladu/ dihmanteladu* (25.00%), *queimadu* (12.50%) e *abandalhadu/ bandalhadu* (10.00%). Outras variantes para a questão foram *iscangalhadu*, *não presta*, *istragadu*, *quebradu*, *esculhambadu/ isculhambadu*, *tá no pregu*, *velho/ véi*, *cum defeito*, *tá cum problema*, *marrotada* e *bronquiadu*. Essas variantes ocorreram geralmente em um único registro, pela inexpressividade nos registros foram registradas em “outros” na cor cinza. Ainda sobre essa questão:

- A questão 191 foi a única cuja produtividade alta mostrou-se aliada ao fato de todos os informantes registrarem pelo menos uma variante, ou seja, não houve respostas não respondidas, o que gerou um maior número de variantes e de ocorrências na pesquisa.
- A variante *desmanteladu...* ocorreu em 4 das 6 localidades das duas mesorregiões.
- Apenas em Carutapera e Turiaçu não houve o registro de *desmanteladu...*, predominando as variantes *abandalhadu* e *iscangalhadu*, as quais também não ocorrem nas demais localidades da mesorregião leste e em Imperatriz.

Por estarem localizadas no extremo oeste do estado, próximo à divisa do estado do Pará, a variação ocorrida estaria condicionada às influências de fatores diatópicos e culturais.

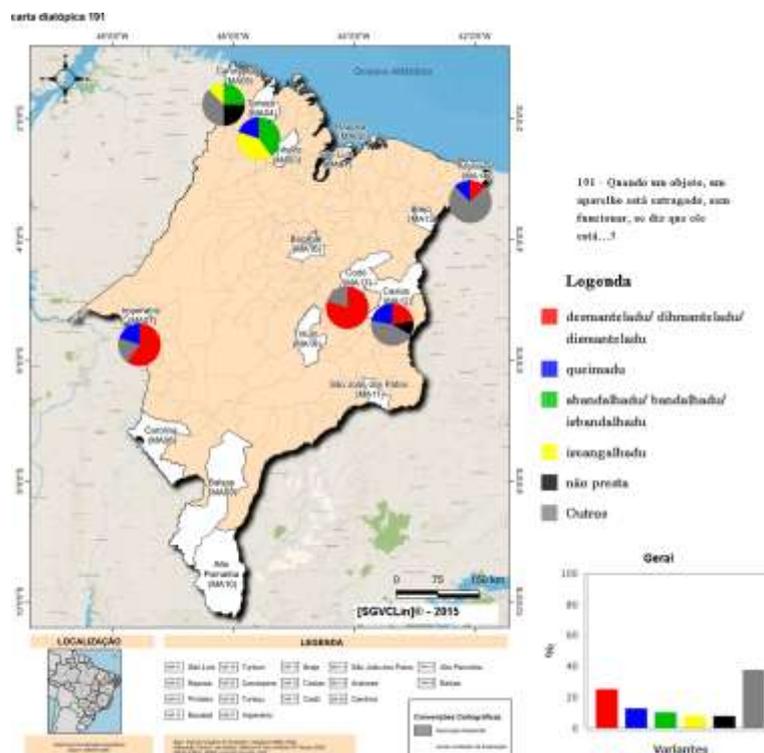
É interessante salientar que na construção de sua pesquisa com dados coletados na região, Castro (2019) já havia notado a particularidade em uma dessas localidades no que

concerne à variação diasssexual sobre a questão “aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite”:

(...) Carutapera também foi o único lugar onde uma mulher usou carapanã. Interessante notarmos, para essa variante, o condicionamento do fator diatópico nos usos, uma vez que geograficamente Carutapera se localiza muito próximo do estado do Pará, Estado da região Norte, no qual a forma carapanã é predominante. (Castro, 2019, p.59)

Indiscutivelmente, o item “carapanã” é uma lexia típica do Pará. Da mesma maneira, outros fatores culturais em relação ao estado podem incidir no uso das formas nessas duas localidades do Maranhão.

Figura 4 - Mesorregião leste/oeste - Carta diatópica III - Questão 191



6.2 Leste e Oeste maranhense: análise diasssexual

A questão 184 obteve 5 variantes e 7 ocorrências para informantes masculinos. Das 10 respostas não obtidas para esta questão, 6 foram de informantes homens distribuídos nos municípios de Turiaçu, Carutapera, Imperatriz, Caxias e Araiões. As variantes mais produtivas foram *do ladu de lá/ do ôtru ladu do rio/ do ôtu ladu/ la de lá* e *trizidela* (28.57%).

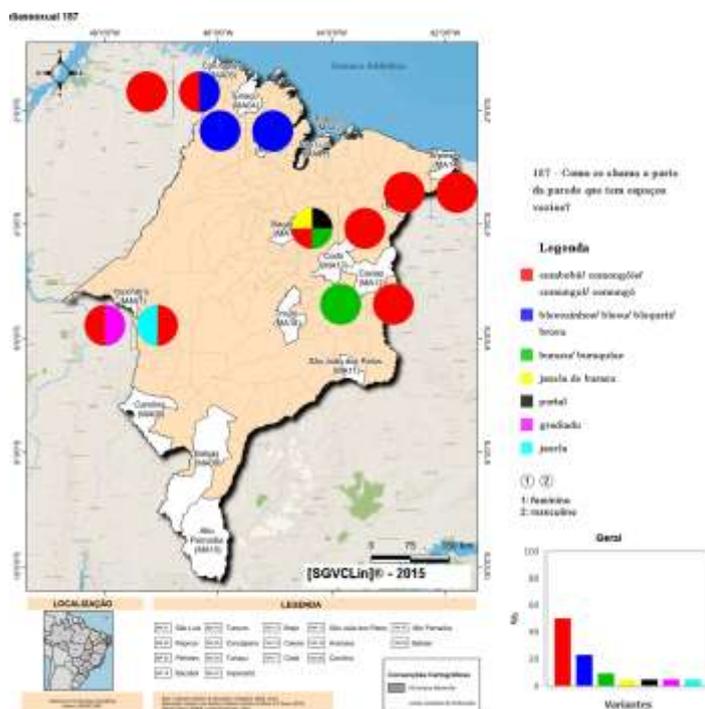
As informantes femininas produziram 6 variantes em 9 ocorrências. Entre as mulheres, a variante *do ladu de lá/ do ôtru ladu do rio/ do ôtu ladu/ la de lá* também foi a mais expressiva, no entanto com maior produtividade que os homens (44.44%). Outras variantes registradas foram *interior, recantiadu, travessia, ilha* e *vizinhu*. Informantes que não souberam responder contabilizaram 4, distribuídas nas localidades de Turiaçu, Carutapera, Caxias e Araiões.

Para a questão 187, informantes homens produziram 3 variantes que ocorreram 11 vezes. A mais produtiva foi *combobó/ comongóis/ comungol/comungó* (63.64%). Outras variantes registradas foram *blocozinhos/ blocu/ bloqueti/ brocu* e *janela*. Apenas um informante de Codó não soube responder

Mulheres produziram mais variantes para essa questão, 6 no total, que ocorreram 11 vezes. Assim como entre os homens, a variante *combobó/ comongóis/ comungol/comungó* teve o maior registro entre as mulheres (36.36%), seguida de *buracu/ buraquius, blocozinhos/ blocu/ bloqueti/ brocu, portal, gradiadu* e *janela de buracu*. Informantes que não souberam foram 3, nas localidades de Carutapera, Caxias e Araiões. A variante *blocu* foi registrada com 100% de realizações na fala de homens e mulheres na localidade de Turiaçu, mesorregião oeste.

Exceto as variantes *combobó* e *blocu*, todas as outras foram registros únicos nas falas dos informantes, ou seja, as variantes produzidas por mulheres, não o foram por homens e vice-versa.

Figura 5 - Mesorregião leste/oeste - Carta diassexual I - Questão 187



Fonte: Autor (2024)

Já na questão 191, homens apresentaram 10 variantes e 21 ocorrências. As mais produtivas foram *desmanteladu/ dihmanteladu* (28.57%) e *queimadu* (19.05%). Outras variantes registradas foram *abandalhadu/ bandalhadu, istragadu, bronquiadu, tá no pregu, tá cum problema, quebradu, iscangalhadu e não presta*.

Por sua vez, as mulheres apresentaram 12 variantes e 19 ocorrências. Da mesma forma que os homens, a variante *desmanteladu/ dihmanteladu* foi a mais produtiva (21.05%). Outras variantes registradas foram *esculhambadu/ isculhambadu, quebradu, não presta, iscangalhadu, abandalhadu/ bandalhadu, velho/ véi, cum defeito, tá no pregu, queimadu, istragadu e marrotada*.

Como apresentado, mulheres ofereceram um número a mais de variantes e apresentaram uma maior possibilidade de variantes lexicais para as 3 questões. Isso ocorre, provavelmente, pelo fato de que as mulheres, nas estruturas sociais, são as responsáveis pela educação nas casas e sofrem pressões tanto para oferecer o ensino quanto para demonstrar o conhecimento dentro de sua configuração familiar. Por esse motivo, é natural que as informantes produzam mais formas lexicais que os homens.

6.3 Leste e Oeste maranhense: análise diageracional

Na questão 184 dentro da variável diageracional, a faixa etária I gerou 4 variantes em 6 ocorrências. Entre elas, a mais produtiva foi a lexia textual *do ladu de lá/ do ôtru ladu do rio/ do ôtu ladu/ la de lá* (50.00%). As demais variantes ocorreram em um único registro, são elas: *recantiadu, bêra do rio e interior*. Já a faixa etária II gerou 6 variantes em 10 ocorrências. A mais produtiva também foi *do ladu de lá/ do ôtru ladu do rio/ do ôtu ladu/ la de lá* (30.00%), seguida de *ilha* (20.00%). Outras variantes foram *trizidela, travessia, vizinhu e ponti*.

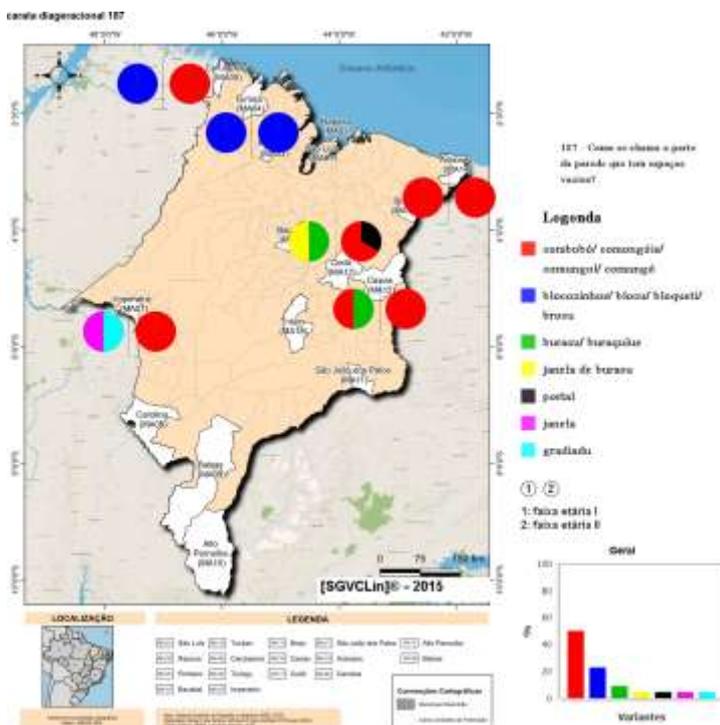
Para a questão 187 a faixa etária I gerou 6 variantes que ocorreram em 10 registros. A mais produtiva dentre elas foi *blocozinhos/ blocu/ bloqueti/ brocu* (30.00%). Em seguida *buracu/ buraquius* e *combobó/ comongóis/ comungol/comungó* (20.00%). Outras variantes registradas foram *janela de buracu, janela e gradiadu*. Já a faixa etária II gerou 3 variantes para 12 ocorrências, a mais produtiva foi *combobó/ comongóis/ comungol/comungó* (75.00%). Outras variantes foram *blocozinhos/ blocu/ bloqueti/ brocu, e portal*. Ainda sobre essa questão:

- Embora quantitativamente a variação diageracional não tenha sido expressiva, o fato de a variante *blocu* surgir mais expressivamente na fala dos falantes da faixa etária I, em detrimento da variante *combobó*, mais expressiva na faixa etária II, pode indicar o caminho

da mudança lexical, uma vez que falantes mais novos são os principais responsáveis por iniciar o fenômeno.

- Vale ressaltar o fator da preferência entre os informantes da segunda faixa etária em registrar a variante *combobó*, variante mais antiga³, com expressividade (9 registros) enquanto este mesmo item computa apenas 2 registros entre a primeira faixa etária. Como já dito, o fator diageracional atua na língua fortemente; a mudança vai sendo estabelecida ao passo que falantes mais novos não mantêm a variante usada por falantes mais velhos.
- Apenas informantes da faixa etária I da mesorregião leste forneceram a variante *combobó*; somente os informantes da faixa etária II de Turiaçu não produziram essa variante.
- Turiaçu gerou 100% de produção nas duas faixas etárias para a variante *blocu* e Carutapera gerou para faixa etária I também 100% de produção.
- Mais uma vez, a variação nas localidades de Carutapera e Turiaçu se diferenciou em relação às outras localidades.

Figura 6 - Mesorregião leste/oeste - Carta diageracional I - Questão 187



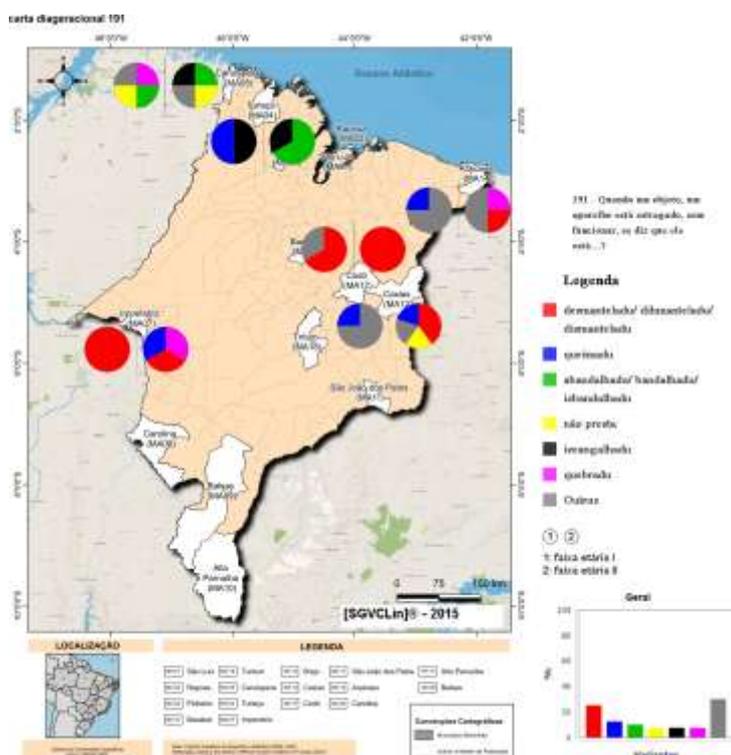
Fonte: Autor (2024)

³ “Originalmente denominado de cobogó, como Nunes a ele se referia, segundo o engenheiro Antônio Baltar, foi confundido com combogó, conforme divulgado pela firma de construções A. O. Coimbra. Esta solução pernambucana “espécie de tijolo”, originalmente preenchido com massa - idealizado pelos engenheiros Amadeu Coimbra, Ernst August Boeckmann e Antônio de Góes, de cujas iniciais Coimbra, Boeckmann e Góis, nasceria o seu nome original. Inventado e patenteado entre 1929 e 1930 ‘o primeiro combogó servia para paredes dobradas, sendo concebido, um ano após, outro bloco liso e mais largo para paredes singelas, cujos cálculos foram executados por Antônio de Góes, então professor da Escola de Engenharia’” Combogó - uma invenção pernambucana. Fisco & Finanças. Recife: Secretaria da Fazenda do Estado de Pernambuco. Ano III, no 12., jul./ago./set., 1982. p.34.

Para a questão 191, informantes da faixa etária I produziram 12 variantes em 19 ocorrências. A mais produtiva entre esse grupo foi *desmanteladu/ dihmanteladu* (21.05%). Em seguida, *queimadu* (15.79%). Outras variantes produzidas foram, *tá no pregu*, *esculhambadu/ isculhambadu*, *tá cum problema*, *não presta*, *istragadu*, *quebradu*, *cum defeito*, *velho/ véi*, *abandalhadu/ bandalhadu* e *iscangalhadu*. De igual modo, os informantes da faixa etária II produziram mais *desmanteladu/dihmanteladu* (28.57%). Em seguida, *abandalhadu/ bandalhadu* com 14.29%. Outras variantes registradas foram *não presta*, *istragadu*, *quebradu*, *queimadu*, *iscangalhadu*, *bronquiadu* e *marrotada*. Ainda sobre essa questão:

- O extremo oeste registra diferenças na variação, produzindo formas únicas em relação às demais localidades.
- As variantes *abandalhadu* e *iscangalhadu* só ocorreram no extremo oeste do estado.
- Informantes da faixa etária I em Imperatriz produziram 100% de realizações para a variante *dihmanteladu*; a mesma variante também ocorreu com 100% de realizações na fala de informantes da faixa etária II de Codó. Isso mostra que além do fator diageracional, pode estar se manifestando também o fator cultural.

Figura 7 – Mesorregião leste/oeste - Carta diageracional II - Questão 191



Fonte: Autor (2024)

6.4 Análise dos dados nos dezesseis pontos de pesquisa

Nesse momento, iremos analisar os dados da pesquisa por todo o estado, focalizando os dezesseis municípios da rede de pontos do projeto ALiMA.

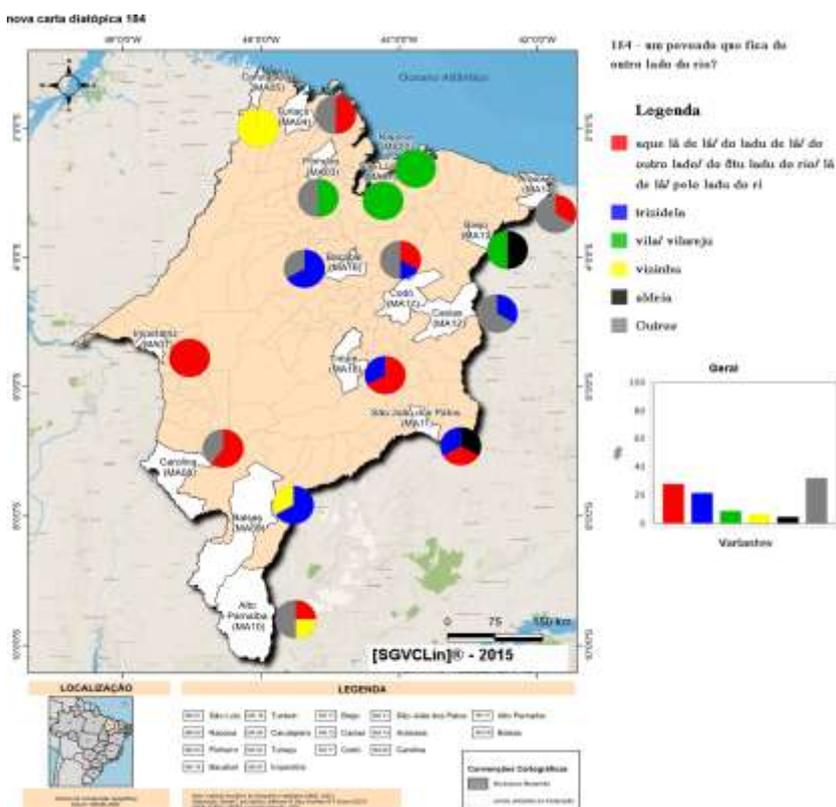
6.4.1 Análise Diatópica

Seguindo os critérios de análise, a pesquisa mostra que, das 6 perguntas analisadas, os resultados de 3 questões evidenciaram mais fortemente o fenômeno da variação dentro do fator diatópico, são tais questões a 184, 187, 191 e a 194. De todo modo, o exame das outras 2 perguntas será feito, apesar da débil expressividade, para que se mostre o caráter contrastivo entre os dados.

- **Questão 184: como se chama um povoado que fica do outro lado do rio?**

Observa-se, dentro do fator diatópico, o espaço geográfico como condicionador da variação linguística. À vista disso, para a questão 184, houve 15 variantes válidas e 45 ocorrências. As variantes com maior produtividade foram “aque la de lá/ do ladu de lá/ do outro lado/ do ôtu ladu do rio/ lá de lá/ pelo lado do ri” (27.66%), “trizidela” (21.28%), “vila/ vilareju” (8.51%), “vizinhu” (6.38%) e “aldeia” (4.26%). Não sabem e/ou não obtidas totalizam 24 informantes, problemas técnicos 1. Além das não obtidas, houve 2 informantes que invalidaram suas respostas com o item “povoadu”, este item não pôde entrar nos dados já que o inquiridor o utiliza na formulação da pergunta (...um povoado que fica do outro lado do rio?).

As variantes mais produtivas não aparecem de forma homogênea em todas as localidades. Contudo, um fato interessante é o uso de variantes iguais em pontos tão distantes do estado, p. ex.: “do outro lado/ do ôtu ladu do rio [...]” produzida em Araiões surge também no ponto mais meridional, em Alto Parnaíba. De igual modo, “vizinhu” registrada na mesorregião sul no município de Balsas, surge como resposta no ponto mais distante do estado na mesorregião oeste no município de Carutapera. Além disso, destaca-se o alto grau de produtividade da variante “trizidela” em Bacabal, o que pode ser um traço da cultura local, uma vez que o município tem ligação direta com o rio Mearim.

Figura 8 - Carta diatópica I - Questão 184⁴

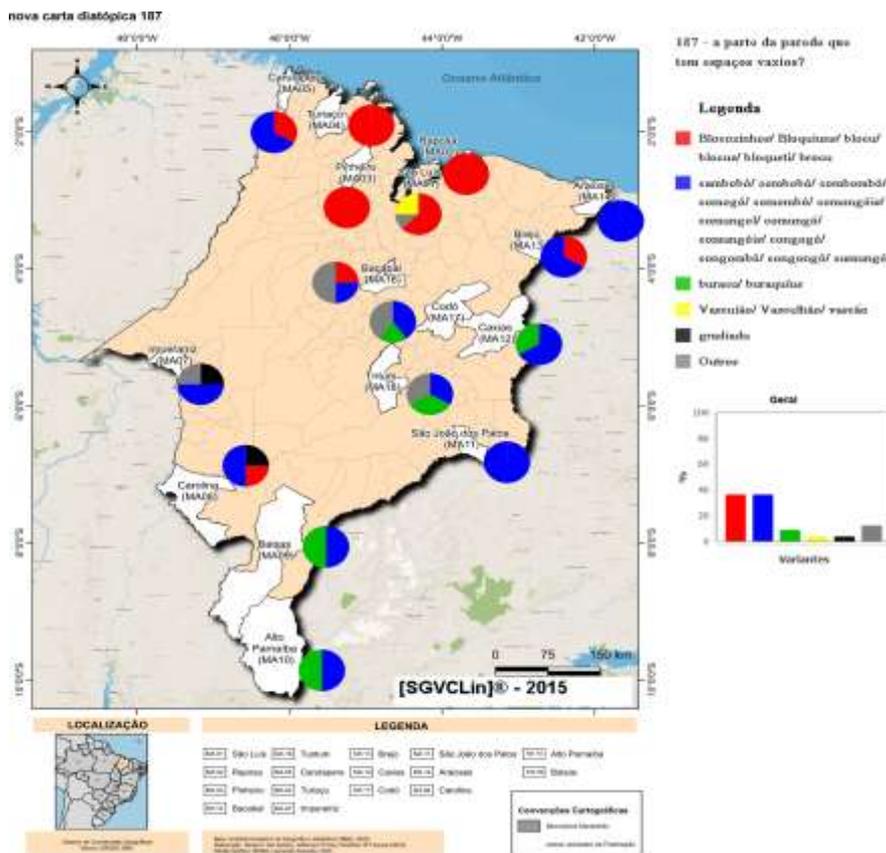
Fonte: Autor (2024)

- **Questão 187: como se chama a parte da parede que tem espaços vazios?**

Para a questão 187, registrou-se 12 variantes e 58 ocorrências. Entre as variantes, destacam-se como as mais produtivas: “cambobó/ combobó/ combombó/ comogó/ comombó/ comongóis/ comungol/ comungó/ comungóis/ congogó/ congombó/ congongó/” e “blocozinhos/ bloquiuns/ blocu/ blocus/ bloqueti/ brocu” ambas com 36.21%, seguidas de “buracu/ buraquius” (8.62%), “gradiadu” e “vascuião/ vasculhão/ vascão” ambos com 3.45%. Não sabem e/ou não obtidas totalizam 12 informantes, problemas técnicos 1.

Uma das particularidades da questão 187 reside sobretudo no item com o maior número de registros. Em primeiro lugar, a variante lexical “comungol/ ...” apresenta diversas variantes fonológicas. Outro ponto pertinente é o fato deste item está presente em 12 das 16 localidades, serpenteando todo mapa do estado como mostra a figura 9. Outra variante com alto grau de produtividade é “blocozinhos/ bloquiuns/ blocu/ blocus/ bloqueti/ brocu” aparecendo em 100% das ocorrências em Turiaçu, Pinheiro, Raposa e mais da metade das ocorrências em São Luís.

⁴ **Outros:** interior, bêra do rio/ bêra-rio, ilha, recantiadu, ponti, beradêru, comunidadi, travessia, povoadu vizin, sertão.

Figura 9 - Carta diatópica II - Questão 187⁵

Fonte: Autor (2024)

- **Questão 191: quando um objeto, um aparelho está estragado, sem funcionar, se diz que ele está...?**

Os dados mostraram uma das maiores produtividades para a questão 191, a qual gerou um total de 22 variantes⁶ e 109 ocorrências, isso se explica por essa questão não apresentar respostas não obtidas ou problemas técnicos. O item com o maior número de registro, foi “desmanteladu/ dihmanteladu” (16.51%), seguido de “istragadu” e “não presta mais/ num tá prestanu/ não presta” ambos com 12.84%. A variante “queimadu” (11.93%) e “quebradu” (9.17%) encerram a lista dos 5 itens mais produtivos. Apesar de não haver nenhuma variante com registro em todas as 16 localidades, vale ressaltar que a maioria das supracitadas está presente em mais da metade das localidades, “quebradu” p. ex. aparece como resposta em 10 municípios.

No processo de mostrar a variação entre localidades, a pesquisa acaba evidenciando a

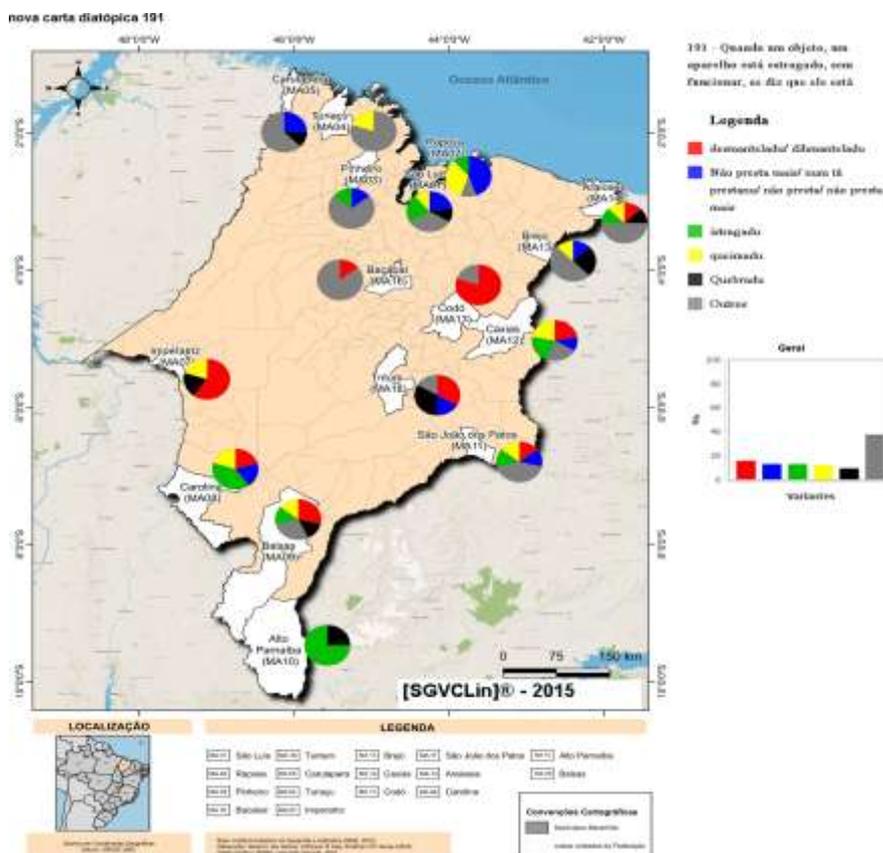
⁵ **Outros:** basculhante/ basculante, peituril, portal, box, janela, ventilação e janela de buracu.

⁶ Como o objetivo desta pesquisa é realizar o levantamento da variação no nível lexical, durante a análise agrupamos variantes fonológicas e extratificamo-las em uma única variante. Por outro lado, se considerarmos as variantes fonológicas o número de ocorrência se faria mais extenso.

variação dentro de um mesmo município. Por exemplo, na cidade de Carolina (Figura 10) o gráfico colorido mostra o alto grau de variação ocorrido ali. Isso mostra que nem sempre um grande espaço físico é preponderante para que possa ocorrer variação.

Devido ao critério de escolha das 5 variantes mais produtivas alguns itens acabam não analisados de forma única e por isso são incluídos em “outros”. Embora a grande maioria dessas variantes representa um único registro, elas mostram a visão de mundo e percepção de fatores sociais de cada informante, p. ex. a variante “derrotadu” resposta de um informante masculino de Brejo da faixa etária II.

Figura 10 - Carta diatópica III- Questão 191⁷



Fonte: Autor (2024)

- **Questão 192: como se chama o objeto de madeira, de metal ou plástico utilizado para pendurar roupa no guarda-roupa?**

⁷ **Outros:** abandalhadu/ bandalhadu/, com defeitu, velho/ véi, tá no pregu, iscangalhadu, tá cum problema, esculhambadu/ isculhambadu, tá ruim, enferrujadu, acabado, bronquiadu, pôdi, bagunçada, parado, marrotada, tá fedendo e derrotadu.

A questão 192 mostra sobretudo o extremo nas respostas de duas variantes, a saber, “cabidi” (74.29%) e “cruzeta” (21.43%) e os outros registros. Para essa questão houve 70 ocorrências, ou seja, apenas a soma das ocorrências dos dois itens acima é mais da metade do número total de registros, o que evidencia uma variação lexical débil, por esse motivo não haverá a produção da carta diatópica.

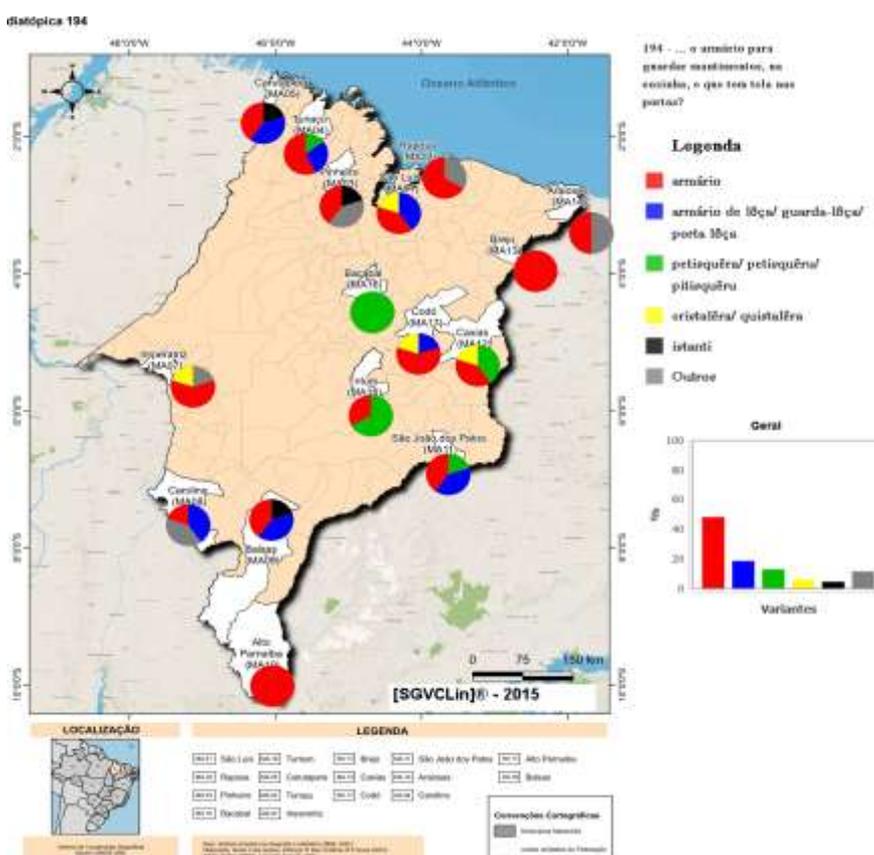
- **Questão 193: Como se chama o banco sem encosto?**

Esta questão produziu 7 variantes válidas e 66 ocorrências. A variante mais produtiva foi “tamburêti (47.56%) seguida de “môchu” (18.29%). O número de respostas inválidas nessa questão foi alto, uma vez que os informantes deram como resposta “banco” (19.51%) o que não pôde ser considerado já que a palavra está presente na elaboração da questão. Devido a isso, a variação foi pouco expressiva nas localidades, por esse motivo não haverá a produção da carta diatópica.

- **Questão 194: como se chama o armário para guardar mantimentos, na cozinha, e que tem tela nas portas?**

Para a questão 194 houve 11 variantes válidas e 37 ocorrências. Assim como nas questões 184 e 193 os informantes deram como resposta a palavra na formulação da pergunta (armário), por isso a maioria das respostas foi invalidada. Diante disso, as variantes mais produtivas foram “armário de lôça/ guarda-lôça/ porta lôça” (18.31%), “petisquêra/ petisquêru/ pitisquêru” (12.68%), “cristalêra/ quistalêra” (5.63%) e “istanti” (4.23%). A variante invalidada “armário” ocorreu em todas as localidades, exceto em Bacabal onde “petisquêru” ocorreu com 100% de realização.

Figura 11 - Carta diatópica IV - Questão 194



Fonte: Autor (2024)

6.4.2 Análise Diassexual

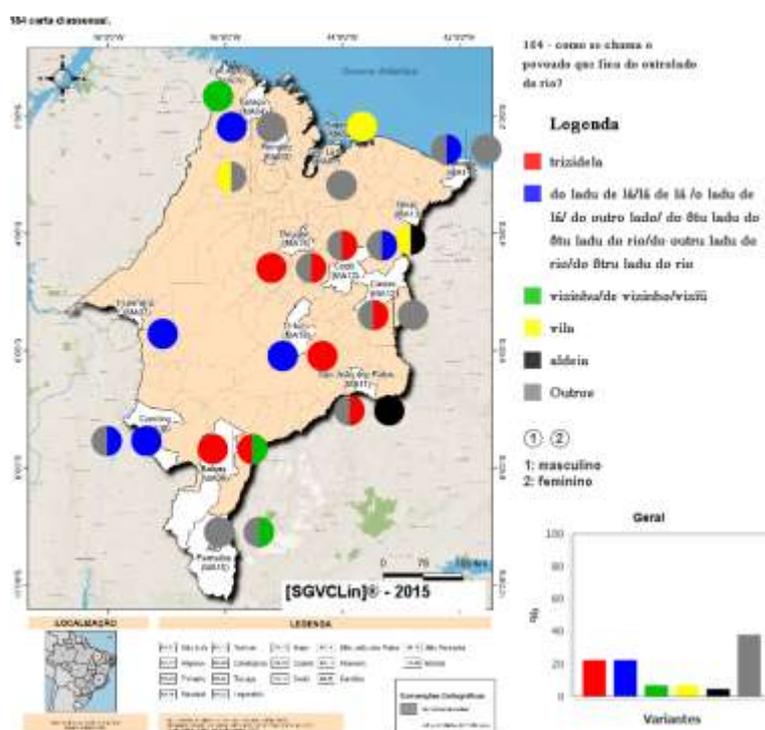
- **Questão 184: como se chama um povoado que fica do outro lado do rio?**

O fator diassexual analisa a variação entre a fala de homens e mulheres. Nesse sentido, para a questão 184, obteve-se 10 variantes válidas e 23 ocorrências na fala de informantes masculinos. Entre elas, as mais produtivas foram “aque la de lá/ do ladu de lá/ do outro lado/ do ôtu ladu do rio/ la de lá/ pelo ladu do ri” (29.17%), “trizidela” (25%) e “vila/ vilareju” (8.33%).

Na fala das informantes obteve-se 10 variantes válidas e 22 ocorrências. Entre elas, as mais produtivas foram “aque la de lá/ do ladu de lá/ do outro lado/ do ôtu ladu do rio/ la de lá/ pelo ladu do ri” (26.09%), “trizidela” (17.39%) e “vizinhu” (13.04%).

Como observado, a variação diassexual foi pouco expressiva na questão 184, os itens mais produtivos ocorrem invariavelmente na mesma gradação em ambos os grupos, com exceção de “vizinhu” registrado somente na fala de mulheres. A lexia “vila/ vilareju” ocorre também na fala das informantes como o quinto item mais produtivo.

Figura 12 - Carta diasssexual I - Questão 184



Fonte: Autor (2024)

- **Questão 187: como se chama a parte da parede que tem espaços vazios?**

Nessa questão, informantes masculinos apontaram 5 variantes em 30 ocorrências. Entre as variantes, houve apenas duas expressivas, a saber, “cambobó/ combobó/ combombó/ comogó/ comombó/ comongóis/ comungol/ comungó/ comungóis/ congogó/ congombó/ congongó/ (50%) e “blocozinhos/ bloquiuns/ blocu/ blocus/ bloqueti/ brocu” (40%), as outras 3 ocorrem em registros únicos.

A variante “blocu...” foi resposta unânime entre as duplas de informantes masculinos e também femininos dos municípios de São Luís, Raposa, Pinheiro e Turiaçu. Essas localidades são próximas e formam uma espécie de cinturão na região setentrional do estado, por isso uma das possibilidades da unanimidade entre as respostas pode ser o fator cultural e histórico.

Em relação às respostas de informantes femininas, obteve-se 9 variantes em 28 ocorrências, das quais as mais expressivas são “blocozinhos/ bloquiuns/ blocu/ blocus/ bloqueti/ brocu” (32.14%), “cambobó/ combobó/ combombó/ comogó/ comombó/ comongóis/ comungol/ comungó/ comungóis/ congogó/ congombó/ congongó/” (21.43%) e “buracu/ buraquiuns” (17.86%).

para informantes masculinos e 3 variantes com 36 ocorrências para informantes femininas. As variantes mais produtivas em ambos os gêneros foram as mesmas, a saber, “cabidi” com 76.47% para homens e 72.22% para mulheres; “cruzeta” com 17.65% para homens e 25% para mulheres (tabela 1). Por essa questão não se haver configurado como um caso de variação diasssexual, optou-se por não exibir a carta linguística.

Tabela 1 - Análise diasssexual: questão 192

Questão	Variante	Porcentagem	
		homens	mulheres
Como se chama o objeto de madeira, de metal ou plástico utilizado para pendurar roupa no guarda-roupa?	cabidi	76.47%	72.22%
	cruzeta	17.65%	25%

Fonte: Autor (2024)

- **Questão 193: Como se chama o banco sem encosto?**

Para a questão 193, informantes masculinos deram 6 variantes válidas com 34 ocorrências, enquanto informantes femininas deram 5 variantes válidas com 32 ocorrências. As variantes mais produtivas foram as mesmas em ambos os grupos, como mostra a tabela 2.

Tabela 2 - Análise diasssexual: questão 193

Questão	Variante	Porcentagem	
		homens	mulheres
Como se chama o banco sem encosto?	tamburêti	41.86%	53.85%
	môchu	23.26%	12.82%

Fonte: Autor (2024)

Os grupos ainda compartilham variantes como “cadêra”, mais produtiva para homens e “banquim/ banquinho” mais produtiva para mulheres.

- **Questão 194: como se chama o armário para guardar mantimentos, na cozinha, e que tem tela nas portas?**

Os resultados para a questão 194 mostraram que a variação não ocorreu expressivamente. Homens e mulheres produziram as mesmas variantes, como mostra a tabela

3, com exceção de itens de um registro apenas. O resultado débil da questão ocorreu sobretudo pelo fato dos informantes registrarem “armário” como resposta, por isso não pôde ser contabilizada como já mencionado anteriormente.

Tabela 3 -Análise diassexual: questão 194

Questão	Variante	Porcentagem homens	Porcentagem mulheres
O armário para guardar mantimentos, na cozinha, e que tem tela nas portas?	armário de lôça/ guarda-lôça/ porta lôça	17.95%	18.75%
	petisquêra/ petisquêru/ pitisquêru	12.82%	12.50%
	cristalêra/ quistalêra	5.13%	6.25%

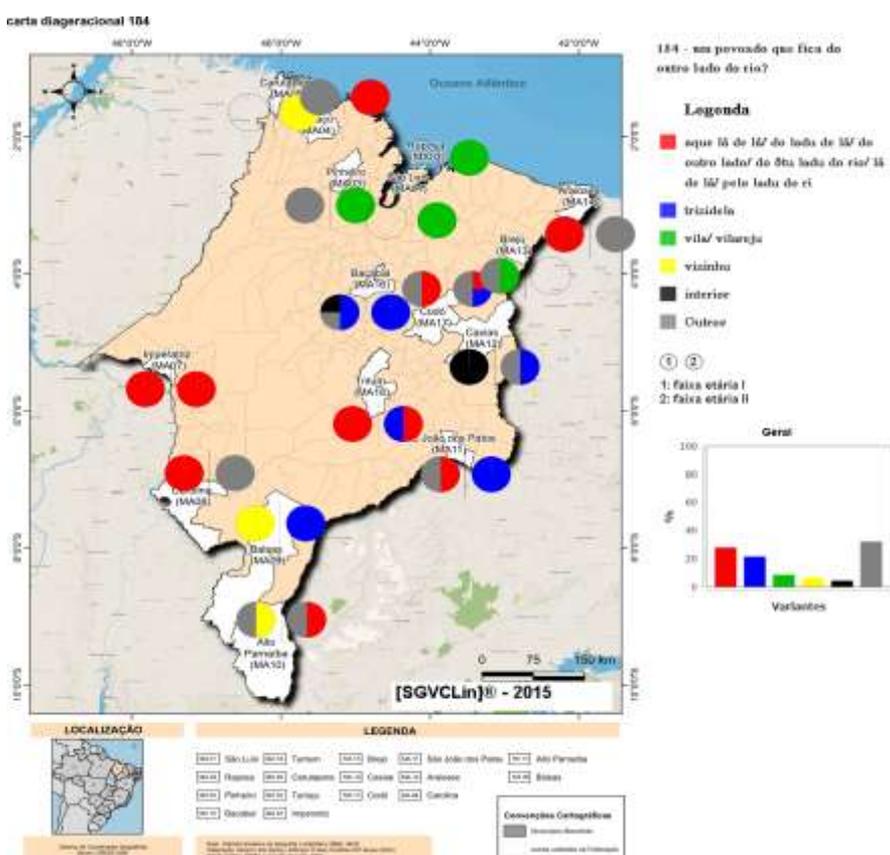
Fonte: Autor (2024)

6.4.3 Análise Diageracional

- **Questão 184: como se chama um povoado que fica do outro lado do rio?**

O fator diageracional refere-se a diferentes formas de usos linguísticos entre pessoas de diferentes faixas etárias. No caso desta pesquisa, entre éssuas da faixa etária I (18-30 anos) e da faixa etária II (50-65 anos). Portanto, na questão 184, a faixa etária I produziu 22 ocorrências para 10 variantes, entre elas as mais produtivas foram “aque lá de lá/ do ladu de lá/ do outro lado/ do ôtu ladu do rio/ lá de lá/ pelo lado do ri” (36.36%) e “trizidela” (9.09%). A ordem inversa acontece na faixa etária II que produziu 9 variantes válidas em 23 ocorrências. Entre os falantes da segunda faixa etária, a variante mais produtiva foi “trizidela” e em segundo lugar “aque lá de lá...”. A preferência dos falantes da primeira faixa etária pelas fraseologias pode indicar o caminho da mudança lexical, uma vez que falantes mais novos tendem a encabeçar o fenômeno.

Figura 15- Carta diageracional I - Questão 184



Fonte: Autor (2024)

- **Questão 187: como se chama a parte da parede que tem espaços vazios?**

Os informantes da faixa etária I apontaram 10 variantes em 29 ocorrências. A variante mais produtiva computando 13 das 29 ocorrências foi “blocozinhos/ bloquiuns/ blocu/ blocus/ bloqueti/ brocu” (44.83%). As demais tiveram baixa expressividade, entre elas variantes como “buracu/ buraquus” com 4 ocorrências (13.79%) e “cambobó/ combobó/ combombó/ comogó/ comombó/ comongóis/ comungol/ comungó/ comungóis/ congogó/ congombó/ congongó” com apenas 3 ocorrências (10.34%).

Contrastando com os dados citados, os informantes da faixa etária II produziram apenas 5 variantes em 29 ocorrências; destas, “cambobó...” computou 18 registros (62.07%) enquanto “bloco...” computou 8 (27.59%).

representar o caráter da variação diageracional. Como mostra a tabela a seguir, a porcentagem das variantes entre os grupos mostra a pouca variabilidade entre as respostas.

Tabela 4 -Análise diageracional: questões 192, 193 e 194

Questões	Variante	Porcentagem faixa	
		etária I	etária II
192	cabidi	79.41%	69.44%
193	tambureti	56.63%	41.86%
194	guarda-lôça	19.35%	10.26%

Fonte: Autor (2024)

Em todas as três questões, as variantes mais produtivas (cabidi, tambureti e guarda-lôça) repetem-se na mesma posição da fala dos grupos etários.

Diante disso, os dados mostram que as escolhas dos falantes não estão fortemente condicionadas à maior parte das variáveis. Nesse sentido, é interessante pontuar que até a ausência de variação aliada a fatores diacrônicos e diagenéricos revela dados valiosos sobre os motivos de uso da língua de uma região.

7 CONCLUSÕES

Por meio da análise sociodialetal, esta pesquisa logra levantar dados valiosos que fazem parte dos aspectos da variação semântico-lexical do português maranhense no campo semântico Espaços e Habitação. Desse modo, avaliou-se qualitativa e quantitativamente a pertinência/produtividade de questões acrescentadas pelo ALiMA à versão do questionário semântico-lexical proposta pelo ALiB. Assim, os levantamentos dos dados mostraram os resultados apresentados a seguir nesta seção.

Este trabalho objetivou evidenciar e analisar a variação ocorrida não só em localidades específicas do estado do Maranhão, mas entre as mesorregiões Leste e Oeste considerando a equidistância dessas mesorregiões. Nesse sentido, os resultados explicitaram uma diferença considerável nos registros entre as mesorregiões, sustentada principalmente pelas variantes produzidas somente por informantes de Carutapera e Turiaçu (Oeste). Uma hipótese que poderia explicar esse fato seria que Carutapera e Turiaçu estão no extremo oeste do estado, próximos à divisa com o estado do Pará. Talvez, por isso, possíveis influências das localidades do Norte do país afetem a cultura local, manifestando-se no léxico dessas comunidades. Ou ainda pelo certo isolamento dessas localidades em relação às demais, o que colaboraria para preservar algumas variantes.

Já considerando todas as 16 localidades, o fator diatópico foi a variável que mais

contribuiu para a ocorrência da variação. Dentro desta variável, as localidades que mais se destacaram na produtividade dos registros foram São Luís, Raposa, Carutapera e Imperatriz. O fenômeno linguístico está presente em todas as 16 localidades, até mesmo entre os informantes de uma mesma localidade. Isso mostra que não só a grande distância física entre os pontos de inquérito contribuiu para a presença do fenômeno, mas distâncias mais curtas mostram que a variabilidade de denominações é possível, seja pela variável diatópica, seja por fatores outros associados a ela.

O fator diasssexual não foi tão determinante na análise dos dados. No entanto, essa variável apresentou algumas particularidades em certas questões, como a de número 187. Nessa questão, homens e mulheres registraram as mesmas variantes; porém, enquanto homens produzem mais o item “combobó...”, mulheres o fazem com o item “blocu...”. O que poderia explicá-lo seria o fator social no qual mulheres usam mais formas inovadoras e homens mantêm as mais antigas.

De maneira análoga, o fator diageracional também não foi tão expressivo nas localidades. Entretanto, podemos observar algumas particularidades como variantes mais usuais para a faixa etária II e menos usuais para a faixa etária I. Esses dados podem apontar, para além do grau de produtividade dos itens, a futura mudança lexical, uma vez que falantes mais novos já não estariam usando as mesmas variantes que falantes mais velhos.

Além disso, há questões que explicitam essencialmente a variação diageracional, como a questão 187 na qual a faixa etária II produziu mais a variante “cambobó..” com 18 de 29 ocorrências, enquanto esta mesma variante teve apenas 3 ocorrências entre a faixa etária I. Uma das possibilidades é que a variante “cambobó...”, para denominar elementos vazados na parede, tem registro mais antigo, de quase 100 anos, enquanto que variantes produzidas pela faixa etária I são mais inovadoras.

Diante do exposto, esta pesquisa traz uma pequena amostra da grande pluralidade da variação semântico-lexical do português maranhense dentro das 5 mesorregiões representativas. Contudo, 5 mesorregiões não formam todo o estado do Maranhão, sabemos que os aspectos diatópico, diasssexual, diageracional e muitos outros afetam todos os falantes de uma região, sobretudo o estado objeto desta pesquisa que é rico em história e cultura.

Por fim, como dito anteriormente, a coleta dos dados que subsidiaram esta pesquisa foi realizada em campo pela equipe ALiMA entre os anos de 2007 a 2014, conseqüentemente, confrontar os dados dessa época com dados mais recentes, a serem coletados nessas mesmas localidades e atendendo aos critérios seguidos por essa equipe e a outros necessários, é um projeto para realização de pesquisas futuras, com o objetivo de identificar possíveis mudanças ou casos de preservação de uso no português falado no Maranhão.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade; ARAGÃO, Maria do Socorro; ISQUERDO, Aparecida Negri; MOTA, Jacyra Andrade. Variação Fônica e Léxico-semântica no Português do Brasil a partir de Dados do Projeto ALiB. *In: Rumos da Linguística Brasileira no Século XXI*. São Paulo: Blucher, 2016, p. 73 -96. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/variacao-fonica-e-lexico-semantica-no-portugues-do-brasil-a-partir-de-dados-do-projeto-alib-20052/> . Acesso em: 15 de jun. 2024.

_____. Vanderci. A. (Org.). *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Ed. da UEL, 2005.

ANTUNES, Irlandé. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: parábola editorial, 2012.

BARBOSA, M. Aparecida. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS. **Anais**. Assis; UNESP, 1993.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. *In: OLIVEIRA, Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001, p. 13-22.

_____. M. T. C. **A Estruturação do Léxico e A Organização do Conhecimento**. LETRAS DE HOJE, v. 69, p. 81-86, 1987.

BUSSE, S. INVESTIGAÇÕES GEOSOCIOLINGÜÍSTICAS: CONSIDERAÇÕES PARA UMA DESCRIÇÃO DOS FENÔMENOS DA VARIAÇÃO. **Línguas & Letras**, [S. l.], v. 13, n. 24, 2000. DOI: 10.5935/rl&l.v13i24.6957. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/6957>. Acesso em: 17 jun. 2024.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. Suzana Alice Marcelino. A Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?. **Revista do GELNE**, v. 4, n. 2, p. 1-16, 2002.

_____. Suzana A. M. **A dialetologia no Brasil: perspectivas**. In: Revista Delta. Vol. 15. São Paulo, 1999.

CASTRO, Gabriel Pereira. PALAVRAS/ESTAS MESMAS QUE USAMOS TODO DIA: UM OLHAR SOBRE O LÉXICO DA FAUNA DO MARANHÃO/ Gabriel Pereira Castro. – 2019. 81 p.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.

COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

Combogó - uma invenção pernambucana. Fisco e Finanças. Recife: Secretaria da Fazenda do Estado de Pernambuco. Ano III, no 12., jul./ago./set., 1982. p.34.

DA GRAÇA KRIEGER, Maria. Heterogeneidade e dinamismo do léxico: impactos sobre a lexicografia. **Confluência**, p. 323-334, 2014.

DUBOIS, Jean et all (org.). **Dicionário de Linguística**. 10. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

DURVAL, L. F. S. Uma experiência didática com o futuro do presente: reflexão linguística, variação e ensino. *In*: VIEIRA, S. R. **Gramática, Variação e Ensino: Diagnose e Propostas Pedagógicas**. São Paulo: Blucher, 2018.

ELIZAINCÍN, Adolfo. Socio y Geolingüística: nueva alianza en los estudios sobre el uso lingüístico. **Estudos lingüísticos e literários**, Salvador, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, n. 41, p. 13-28, jan./jun, 2010.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. A dialetologia no Brasil. **(No Title)**, 1994.

GUILLIÉRON, Jules. *Généalogie des mots désignant l' "abeille d'après l'Atlas linguistique de la France*. Paris: Champion, 1918.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

MANÉ, Djiby. As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico. **Via Litterae (ISSN 2176-6800): Revista De Linguística E Teoria Literária**, v. 4, n. 1, p. 39-51, 2012.

MARANHÃO, Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres. Poranduba maranhense. **Revista de Geografia e História**. São Luís: Separata, 1946. n. 1. dez.

MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T.; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Fraseologia nos falares regionais brasileiros. **Estudos lingüísticos e literários**, v. 1, p. 107-120, 2018.

_____. CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Percursos da geolingüística no Brasil. **Lingüística**, v. 29, n. 1, p. 115-142, 2013.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et al. **Estudos Sociodialetais do Estado do Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2019.

_____. BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima Sopas. (Orgs.) **Pelos caminhos da Dialetologia e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas: homenagem a Socorro Aragão**. São Luís: EDUFMA, 2010.

_____. O atlas lingüístico do Maranhão: os caminhos do português falado no Maranhão. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (org.). *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005. p. 251-284.

_____. C. M. A. Variações lexicais no ALiMA. **Revista do GELNE (UFC)**, Fortaleza, v. 4, p. 201-203, 2002.

RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de. **Curso licenciatura em letras disciplina sociolinguística**. Belém: Editaedi, 2014.

_____. Abdelhak; SANCHES, Romário Duarte. Uma perspectiva geo-sociolinguística para a

análise do status da variável /s/ em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará. *In: Dans Estudos Linguísticos e Literários*. n. 41, Programme de Pos-graduação en Langue et Culture, Salvador: EDUFBA, 2010.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SEABRA, Rodrigo Duarte; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. [SGVClin] – **Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas**, versão 1.1, 2014-15.

SIQUEIRA, Ariela S. do Nascimento; MAGALHÃES, Mayara L. Paiva; GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. Dialetoлогия e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. **Revista Intercâmbio**, v. XXVIII: 46-70, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x.

VASCONCELOS, Márcia Maria Fonteles. **A regionalidade presente em lexias simples, complexas e textuais na obra A Rainha do Ignoto de Emília Freitas**. 2022.